

Homenagem de Alte aos filhos da terra

Pág. 22



8

Estatuto do Combatente



12

Batalha de Aljubarrota Evocação histórica



16

Evocação do 75.º aniversário do fim da II Guerra Mundial



34

Tertúlias «Fim do Império»

38

A corveta Mindelo no Museu do Combatente



Para assuntos relacionados com publicidade veiculada pela revista «Combatente», contacte as linhas dedicadas: 965 599 991 / 968 452 700 - **Elizabette Caboz**

Tendo como objetivo apoiar a Liga dos Combatentes no combate à Covid-19, as doações que vimos solicitando, no âmbito deste Programa, destinam-se agora, a apoiar as dificuldades e situações criadas pela pandemia. Vimos solicitar a ajuda de todos depositando na conta abaixo indicada, o vosso contributo.

Liga Solidária - Apoio COVID-19 - NIB 0035 0396 0022 0208 9305 8

Do antecedente.....	4.265,74€
Altide Dias Pires.....	40,00€
Aníbal Pereira Afonso.....	20,00€
Augusto das Neves Oliveira.....	20,00€
Donativos de Sócios do Núcleo de Queluz.....	22,00€
Donativos na Capela do FBS - 2º Trimestre de 2020.....	124,39€
Fernando Pereira dos Santos Aguda.....	25,00€
João Amadeu Marques da Rocha Pires.....	25,00€
José Luís Alpalhão.....	25,00€
José Maria Pires Martins.....	25,00€
Luis Gonzaga Martins.....	20,00€
Luis Manuel Taveira Pereira.....	20,00€
Luz do Campo, Unipessoal, Lda.....	246,60€
Manuel Nunes Castelão.....	50,00€
Saldo em 05-06-2020.....	4.928,73€

NOTA: Devido à extensão dos donativos, a listagem completa encontra-se na página da internet da Liga dos Combatentes em www.ligacombatentes.org

Proprietário e Editor:

Liga dos Combatentes
Rua João Pereira da Rosa, 18 - 1249-032 Lisboa
Tel.: 213 468 245
geral@ligacombatentes.org.pt
NIPC/NIF 500816905

Redação:

Rua João Pereira da Rosa, 18 - 1249-032 Lisboa

Diretor:

Joaquim Chito Rodrigues

Conselho Editorial:

Direcção Central

Diretor Executivo:

Hélder Freire

Editor (Redação):

Jorge Henrique Martins (CP 7283A)

Copydesk:

António Porteira

Fotografia:

Hugo Gonçalves

Publicidade:

Elisabette Caboz
Tel.: 965 599 991 / 968 452 700

Secretariado:

Anabela Rodrigues
anabelarodrigues@ligacombatentes.org.pt

Execução gráfica:

Departamento de Informática LC

Impressão:

Lisgráfica, S.A.
Rua Consiglieri Pedroso, 90
Casal de Santa Leopoldina - 2730-053 Barcarena
Tel: 214 345 444

Expedição:

Translista, Lda.
Rua Miguel Bombarda, 9 - Queluz de Baixo 2745-124
Barcarena - Tel: 214 266 886
translista@ip.pt

Tiragem:

50.000 exemplares

Depósito Legal:

210799/04
ISSN – 223 582
N.º ERC – 101 525

Estatuto Editorial:

www.ligacombatentes.org.pt/revista_combatente/estatuto_editorial

Capa: Monumento aos Combatentes - Alte (Loulé)

Misto de alegria e de tristeza

A Assembleia da República (AR) aprovou em 23 de julho uma lei a que chamou Estatuto do Antigo Combatente. Pela primeira vez, após 45 anos, no lugar representativo do povo português foi definitivamente reconhecido o esforço, o sacrifício e os serviços prestados, por uma geração de portugueses, ao serviço das Forças Armadas, no cumprimento de um juramento e no cumprimento de decisões políticas. Finalmente, os discursos de altas entidades, o sentimento profundo dos portugueses, expresso em centenas de monumentos erguidos no país e no estrangeiro, tiveram coerência e ressonância unânime na AR. Esta circunstância caiu certamente, não só, como um justo reparo, mas também, como um sentimento de alegria na generalidade dos combatentes. Sim, de alegria porque afasta finalmente anátemas, colocados sobre os ombros dos que tiveram que fazer a guerra, apelidando de fascistas e colonialistas aqueles que simplesmente cumpriram um dever. A chamada, por alguns, de guerra do ultramar, por outros guerra colonial, outros por guerra de África, pode e deve agora ser denominada simplesmente de guerra 1954-1975. Se a reconhecimento foi unânime a designação deveria passar a ser unânime. Desde o dia em que morreram os primeiros combatentes na Índia, até ao dia em que morreram os últimos combatentes em África. Cairam com honra ao serviço do país, numa guerra, de vinte e um anos.

O sentimento de alegria, agora sentido, foi, no entanto, turvado por um sentimento de tristeza, igualmente com origem na Assembleia da República.

Se o reconhecimento foi conseguido, ele não teve a força suficiente para produzir a correspondente solidariedade por parte da votação final dos partidos.

Avançou-se em aspetos importantes, mas, na generalidade, apenas simbólicos. A "esmola anual" dos governos, às três centenas de milhares de combatentes vivos e a pensão de pobreza de muitos, manteve-se sem qualquer alteração. Não podem continuar a morrer com esse desgosto, agora que volta a ser extensivo à viúva, com 75, 100 ou o que é raro, 150 euros por ano. Importa legislar para melhorar este suplemento especial de pensão e o acréscimo vitalício de pensão, bem como as pensões de pobreza.

Segundo se diz, o Estado investe cerca de 48 milhões de euros anuais para distribuir o que, individualmente, é insignificante. Bastava que a verba, de um ano, fosse disponibilizada pelos combatentes, para que a Liga dos Combatentes ou os governos pudessem construir uma dúzia de Residências sociais, espalhadas pelo país, para apoiar os combatentes e famílias e estaria colmatada uma grande falha do apoio social aos combatentes, que a Liga dos Combatentes tem tentado minimizar, tendo já criado duas Residências Seniores.

Este sentimento de tristeza, não foi compensado pelo sentimento de alegria acima descrito. Foi, por outro lado, aprofundado pelas circunstâncias negativas vividas pelo país e pelo mundo, com a pandemia. A forma como as entidades públicas de saúde, têm tratado o problema não tem sido o mais feliz. No que aos milhares de membros da Liga diz respeito, temos até agora vencido a crise sanitária. Sem baixas e sem problemas nas nossas Residências. Um agradecimento profundo a todos os que com um trabalho anónimo, voluntário e dedicado têm contribuído para este êxito.

Sem que não deixemos de ser diariamente flagelados pelas entidades



Joaquim Chito Rodrigues
Tenente-general
Presidente da Direcção Central

públicas de saúde, alertando os portugueses para o facto da faixa etária em maior perigo estar acima dos setenta anos e que os mortos se situam, na sua maior parte, acima dos oitenta.

Precisamente a faixa etária dos combatentes dos conflitos 1954-1975. Não bastam as flagelações do inimigo que ainda recordam, para agora serem diariamente flagelados com a lembrança diária, de que estão na linha da frente e que os que caem, têm a maior parte, mais de setenta anos!

Se juntarmos isso ao facto de acabarmos de ter um estatuto aprovado na AR que nos apelida de "Antigos Combatentes", teremos que concluir que estamos mesmo "velhos". Sim, velhos, mas resistentes, e a lutar por aquilo em que acreditamos. Somos Liga dos Combatentes, Valores Permanentes, Liga dos Combatentes em todas as Frentes.

Sim, nem ex-combatentes, nem veteranos de guerra, nem antigos combatentes. Ontem, hoje e sempre, simplesmente, COMBATENTES. Hoje, com um misto de alegria e de tristeza. Se a Nação, de que emanamos, nos passa a contemplar como Titulares do seu Reconhecimento, a Pátria, a quem juramos dar a vida se necessário fosse, e muitos deram, parece querer continuar a dar-nos "o que é costume".

UM GRANDE PORTUGUÊS QUE NOS DEIXOU



João José Brandão Ferreira

Tenente-coronel Piloto Aviador, Ref. Cmdt. Linha Aérea

O Almirante Nuno Gonçalo Vieira Matias (Porto de Mós, 9/7/1939 - Lisboa, 13/6/2020), português dos quatro costados, marinheiro dos de antanho, militar distinto e emérito combatente do bom combate, privou-nos do seu convívio no pretérito dia 13 de Junho. Meteu “proa ao mar” para a derradeira viagem onde, estou certo, descansará em paz nos braços de Neptuno. A sua memória, porém, merece ser preservada, pois marcou muito positivamente a sua passagem pela vida terrena.

Conheci o Almirante Matias já tarde na minha vida, quando ele se despedia da sua longa carreira na Armada Nacional, como seu Chefe de Estado-Maior, cargo que exerceu entre 1997 e 2002. Na altura tomou uma decisão de rara coragem num chefe militar, ao mandar regressar a portos a quase totalidade dos navios, por falta de condições para o adequado funcionamento da Marinha, em consequência das recorrentes malféitorias de que a Instituição Militar tem sido alvo por parte dos políticos do Regime Político vigente (no caso, o Governo de António Guterres).

Na ocasião enviei-lhe um cartão a apreciar e a agradecer-lhe o gesto, em nome de uma organização patriótica de intervenção cívica, de que era presidente da direcção. A missiva, como é de boa educação teve resposta, sendo de realçar o facto de não nos conhecermos e do Movimento a que pertencia não caber propriamente no âmbito do

que se entende por “politicamente correcto”. Quando a Comissão Promotora para a evocação dos antigos combatentes do Ultramar (creio que em 1997) foi solicitar apoio das chefias militares para tal cerimónia, junto ao respectivo monumento, sito perto da Torre de Belém - monumento sagrado da Pátria que uns poucos negregados arrotaram de suas fezes querer agora demolir - o Almirante Matias foi o único chefe militar que teve discernimento e coragem para apoiar a iniciativa, não se acobardando com a incrível oposição movida contra tal comemoração por parte da Presidência da República (e não só). Mais tarde Vieira Matias viria a integrar ele próprio a Comissão Promotora.

Já antes, aquando dos graves acontecimentos ocorridos na antiga Província da Guiné Portuguesa, em 1999, deu mais uma prova da sua capacidade

evidenciou nas duas comissões que realizou em África, nas operações que decorriam para a defesa da soberania nacional e da protecção dos bens, património e população portuguesa, entre 1961 e 1975 (e no Estado da Índia entre 1954-1961); a primeira em Angola, para onde embarcou voluntariamente em 1961, na Fragata Vasco da Gama, após ter terminado o curso na Escola Naval - é nos momentos de crise que se distinguem os grandes homens - e depois no teatro de operações da Guiné, onde comandou o Destacamento de Fuzileiros n.º 13, entre 1968 e 1970. Especialidade (fuzileiro) que tirou e juntou à de “artilheiro”.

Comandou mais tarde a Fragata João Belo. Pode-se ainda dizer que o Almirante Matias, na sua carreira militar, exerceu cargos em toda a estrutura da Marinha, desde o Estado-Maior, ao



**Senhor, a noite veio e a alma é vil.
Tanta foi a tormenta e a vontade!
Restam-nos hoje, no silêncio hostil,
O mar universal e a saudade.**

Fernando Pessoa, “Prece”, Mensagem

de Comando e Liderança, como chefe militar, ao mandar aprontar parte da esquadra - no próprio Dia de Portugal - de modo a estar pronta a zarpar para aquele território, caso assim determinassem os interesses nacionais, o que não foi aproveitado no imediato pelo poder político, o que veio a acarretar problemas e erros, que poderiam ter tido consequências graves.

Esta capacidade de comando e liderança - ou seja, aquilo que mais importância tem na vida militar, nomeadamente para os oficiais - foi sempre timbre do Almirante Matias, o que se

ensinou; do comando operacional, à logística, autoridade marítima, passando pelos Fuzileiros. Frequentou cursos no estrangeiro e foi Comandante Naval, o que incluía o cargo de Comandante-em-Chefe da Área Ibero Atlântica, da OTAN. Vieira Matias foi bafejado por uma carreira rica e equilibrada, tanto em tempo de paz, de crise e de guerra, dando sempre boa conta de si no cumprimento das muitas missões para que foi nomeado. As 16 condecorações nacionais, de onde se destaca a Grã-Cruz da Ordem Militar de Cristo e as 10 estrangeiras com que foi agraciado, são

uma prova disso mesmo. O Almirante Matias tinha, porém, uma paixão que, julgo, ultrapassava qualquer outra - e espero não estar a cometer nenhuma injustiça - era o Mar. Vieira Matias não se limitava a ser marinheiro e poder ser um dos nomeados por Pessoa, que estavam “atados ao leme”, por vontade de El Rei D. João II. Ele estava impregnado de Mar, creio até que em vez de sangue, lhe corria nas veias, água do oceano!

Mas não tinha do Mar uma visão egoísta ou de usufruto próprio. Ele sabia - e hoje pouca gente sabe - da importância do Mar para Portugal e como o mar fez Portugal. E foi um paladino defensor da extensão do mar português através do alargamento da Plataforma Continental. Alicerçado no estudo, na convicção e na fé - o Almirante Matias era um Homem de Fé - tinha uma ideia estratégica e geopolítica do que o mar representa e devia representar para Portugal. Imbuído deste fervor, que era simultaneamente racional e emotivo - lutou por essa ideia, não só quando marinheiro militar em funções, mas sobretudo depois de abandonar o serviço activo e se ter tornado académico, em várias instituições e prestado relevantes serviços noutras, desde a Academia da Marinha à Academia das Ciências, passando pela Academia Portuguesa da História, da Liga dos Combatentes à Sociedade Histórica para a Independência de Portugal.

Vieira Matias muito contribuiu para que Portugal - que atravessa uma das fases mais sombrias da sua História - começasse novamente a olhar para o Mar com os olhos que nunca devia ter deixado de ter. Mas o caminho a trilhar em termos de vontade, meios e realizações é longo e cheio de correntes e ventos adversos. A sua paixão pelo Mar está ligada indissolavelmente ao seu amor por Portugal, o que fez dele um patriota termo que, infelizmente, é hoje abjurado por cidadãos portugueses pouco dignos desse nome. Aprendeu a sê-lo por ter nascido perto de Aljubarrota, terra que deu o nome a uma das mais famosas batalhas da nossa história e que sempre denominava de “Batalha Real”. Vieira Matias era, tanto quanto o meu conhecimento da vida e



Almirante Nuno Vieira Matias, antigo Presidente do Conselho Supremo da LC. Foto: Jorge Paula

dos homens alcança, um aristocrata do espírito; bom comunicador e de lhaneza de trato. Possuía um porte fidalgo, um cavalheiro dos mares; dele se pode dizer que tinha um “bom ar”, frase que melhor se sente do que se explica.

Gostava da vida e viveu-a bem e intensamente. Por isso lutou estoicamente com a doença, como um bom combatente que era, e sempre a encarou como uma “emboscada do inimigo”. Devo-lhe muitas atenções, que apenas pude ir retribuindo com camaradagem, amizade e consideração leais. Devo-lhe

especialmente ter sido minha testemunha num nefando processo de que fui alvo, onde mais uma vez, demonstrou a sua verticalidade de carácter, coragem e portuguesismo.

Costumava dizer “que quem não conseguia estar a horas, chegava cinco minutos mais cedo”. Deixou-nos na sua hora. Para mim, seus familiares, camaradas e amigos serão sempre cinco minutos antes do que devia.

Em respeitosa continência estou, no cesto da gávea, até ver desaparecer o horizonte. 🇵🇹

Estatuto do Combatente

Total reconhecimento e fraca solidariedade

O dia 23 de julho de 2020 ficará registado como o dia em que a Assembleia da Republica, pela terceira vez, publica um Estatuto relativo aos Combatentes da Guerra do Ultramar.

As duas primeiras vezes foram relativas ao Estatuto dos Combatentes, membros da Liga dos Combatentes, em 1975 e 1999. Agora um outro Estatuto, relativo ao que se chamou “Estatuto dos Antigos Combatentes”, da Guerra do Ultramar em geral, abrangendo também combatentes das Operações de Paz.

Na Liga dos Combatentes não nos conhecemos por “antigos”, “ex-combatentes” ou “veteranos de guerra”, fomos e somos, simplesmente, “combatentes”.

Entretanto haviam já sido publicadas pela AR, a lei 9/2002 com a definição de alguns direitos e a Lei 3/2009 reduzindo esses mesmos direitos, sem que para isso tivesse havido necessidade de qualquer Estatuto.

Por isso, a Liga dos Combatentes, única Instituição de Combatentes sob tutela do governo, e os seus membros, dispendo de um Estatuto aprovado em Democracia e um Cartão do Combatente, bateu-se fundamentalmente para que o Estatuto a publicar garantisse dois objetivos: O Reconhecimento e a Solidariedade para com os Combatentes e Famílias. Propôs mesmo que a Lei que promulgasse o Estatuto se designasse como Lei do Reconhecimento e da Solidariedade. Tal não foi considerado no título, mas incluído no texto da apresentação do Estatuto, que começa precisamente por essas duas palavras: Reconhecimento e Solidariedade. Desses dois objetivos é evidente que o Estatuto, agora promulgado no órgão de soberania representante do povo português, reconhece efectiva e unanimemente, pela primeira vez, o esforço, o sacrifício e o luto, no cumprimento de um dever inerente às Forças Armadas, de cerca de um milhão de combatentes

e seis milhões de familiares diretos, em vinte e um anos de conflito ultramarino. Esse Reconhecimento é visível na exposição dos motivos, mas sobretudo, e por proposta da Liga dos Combatentes, ao ficar aprovado que no cartão do Combatente será inscrita a frase “Titular de Reconhecimento da Nação”, aliás como acontece noutros países. Finalmente, 45 anos depois, fez-se justiça.

Este facto torna este Estatuto um Documento Histórico pela positiva. Aliás o Reconhecimento é ainda aprofundado no Estatuto com algumas medidas simbólicas, como seja o direito a ser coberto pela Bandeira Nacional em caso de morte.

Importa agora analisar o que o Estatuto aprovado trás de novo, no Âmbito da Solidariedade. Esta, analisada segundo dois ângulos fundamentais, o aprofundamento do apoio à saúde e o aprofundamento do apoio social, como a Liga dos Combatentes sempre propôs.

Quanto ao apoio a saúde, o Estatuto fica-se pela isenção das taxas moderadoras (proposta entre as propostas da Liga), mas esquece outras propostas como o apoio médico e medicamentoso, o apoio no Hospital das Forças Armadas, a adesão voluntária a ADM e o apoio jurídico em assuntos relacionados com a condição militar.

Quanto ao apoio social, o Estatuto volta a considerar as viúvas como herdeiras dos suplementos de pensão auferidos em vida pelos maridos e aumenta o complemento especial de pensão (CEP), de 3,5% para 7% da pensão social por cada ano de serviço (propostas constantes das propostas da Liga dos Combatentes, assim como os transportes gratuitos e entradas gratuitas nos museus) e considera os sem-abrigo com prioridade na habitação social. Este aumento do CEP, (que atinge apenas cerca de 1772 combatentes atualmente com custos no valor de cerca de 864.000 euros anuais

e que irá duplicar) foi proposto pela Liga dos Combatentes em conjunto com o aumento do suplemento especial de pensão (SEP), (que se refere a cerca de 320.000 combatentes atualmente com custos no valor de cerca de 42.000.000 de euros anuais) e ao acréscimo vitalício de pensão (AVP), (que atinge cerca de 51.000 combatentes- atualmente com custos de cerca de 5.882.000 de euros anuais), que se mantêm sem alteração.

Recorda-se que foi sobre estes dois últimos suplementos de pensão que a Lei 3/2009 atuou drasticamente sobre o estabelecido na lei 9/2002 e reduziu os mesmos, a números anuais, individualmente, verdadeiramente simbólicos, o que levou a generalidade dos combatentes a considera-los como a “esmola anual do governo” aos combatentes (75, 100 ou 150 euros anuais, sobre os quais recai o IRS).

A Liga dos Combatentes apresentou sucessivamente três propostas, alterando-as de acordo com as circunstâncias, lutando sempre por um aumento que retirasse a imagem da “esmola anual” e a transformasse num fortalecimento financeiro do Reconhecimento conseguido.

Propôs-se, inicialmente, um vencimento mínimo anual a atingir em três anos e em percentagem de 50%, 75% e 100%, do RMNG de acordo com o escalonamento de tempo expresso na lei 9/2002 e 3/2009. Depois, em plena audição da AR apresentou-se a hipótese de 50 euros mês, para todos os combatentes com seis meses ou mais em área de grande periculosidade, e finalmente, e já depois do Estatuto aprovado na especialidade pela AR, dado que a proposta por nós apresentada e assumida pelo PCP, não fora aprovada pela AR, foi enviada ao governo e a todos os partidos da AR a proposta de se seguir para o SEP e AVP o mesmo critério que a AR aprovava para o CEP, ou seja, um aumento de 100%. Isto



é, os 75, 100, e 150 euros anuais passariam para 150, 200 e 300 euros anuais. Isso significaria um aumento de despesa de cerca 47.800.000 de euros anuais. Em nosso entender não seria o justo e merecido, como acontecia com as propostas anteriores, mas perfeitamente ao alcance das disponibilidades financeiras do país.

A não aprovação de qualquer destas propostas e a manutenção sem qualquer alteração do SEP e do AVP, acrescida da não aprovação do vencimento mínimo para os combatentes com uma pensão de pobreza, ensombra o esforço real de entendimento entre o governo, a AR e o valoroso trabalho de aprofundamento da Comissão de Defesa Nacional e de coordenação do seu Presidente, que conduziu a alterações positivas profundas do texto e a aceitação das mesmas pelo governo e ministério da defesa nacional.

Não podemos ignorar as palavras com que o responsável pelo partido do governo terminou na AR, a sua intervenção na votação final, afirmando que a “porta continuava aberta para os combatentes para acções a tomar no orçamento 2021”.

Não obstante os combatentes estarem à espera, há 45 anos, que alguém feche a porta e ela continuar aberta, quando na elaboração deste estatuto houve tempo suficiente para a fechar, antes que alguém feche a última cova, afirmamos que continuaremos lutando para que a maioria significativa dos combatentes veja o reconhecimento obtido e o cartão de combatente concedido, justificados com um aprofundamento do apoio social nos últimos anos de vida, em que a única situação que deve ser considerada é a de reformados, os quais merecem um reforço simbólico das suas reformas, aumentando os referidos suplementos e fechando assim o circuito do Reconhecimento.

Foi pena não podermos considerar o Estatuto igualmente histórico, pela positiva, no âmbito da solidariedade, mas queremos com honestidade manifestar, como Presidente da Liga dos Combatentes, e sabendo que interpretamos o sentimento da esmagadora maioria dos seus membros que, de facto, quando afirmamos em audição alargada na Assembleia

da República que a não mexer nestes suplementos e nas pensões de pobreza, não valia a pena haver estatuto, situação que corresponde a profunda mágoa e a uma injustiça que se mantêm.

Que importa aos combatentes os órgãos criados no Ministério da Defesa Nacional, que importa o anexo II com toda a legislação de direitos já existente, se alguns nem são aplicáveis aos combatentes, mas ali se mencionam sem nunca terem carecido de estatuto para serem aplicados? Elabore-se, pois, com urgência, Lei conforme as possibilidades do país, que garanta mais solidariedade, legislando sobre, na saúde, o apoio médico e medicamentoso a partir dos 65 anos, e no âmbito do apoio social, se aumente o suplemento especial de pensão e o acréscimo vitalício de pensão dos combatentes da guerra do ultramar e se revejam os montantes das pensões de pobreza dos combatentes, num verdadeiro ato de justiça que o Estatuto deixou em aberto. ■

Joaquim Chito Rodrigues
Tenente-general



Dia Internacional da Paz

Como todos os anos, sendo já doze que se contam, a Liga dos Combatentes (LC) e a Associação dos Deficientes das Forças Armadas (ADFA), ambas sócias da World Veterans Fédération - FMAC – Fédération Mondiale des Anciens Combattants, celebraram o Dia Internacional da Paz junto ao Monumento aos Combatentes do Ultramar no Museu do Combatente em Belém.

Estabelecido em 1981 pela Assembleia-geral das Nações Unidas, que em 2001 designou esta data para convocar as nações a cumprir 24 horas de não-violência e cessar-fogo.

Devido à epidemia atual, tanto a caminhada como a corrida tiveram de ser abolidas, sendo numa pequena, mas significativa cerimónia que se promoveu o pedido pelas Nações Unidas – “que neste dia haja união entre os povos e o fim das hostilidades entre si,

que se dignifiquem os valores refletindo numa maior sensibilização e consciência pública sobre aspetos que conduzem à paz”. Presentes o Presidente da LC, Tenente-general Joaquim Chito Rodrigues, Major-general Fernando Aguda, Vice-presidente da LC, Coronel Lucas Hilário, Secretário-geral da LC, Arqº Eduardo Varandas, Vogal da Direção Central, Coronel Lopes Dias, Presidente da ADFA e seu Vice-presidente, Eng.º António Garcia Miranda bem como outros sócios das duas instituições.

O Capitão-de-Mar-e-guerra Filipe Macedo, também Vogal da Direção Central da LC iniciou a sessão com a leitura da Mensagem do Secretário-geral das Nações Unidas para o Dia Internacional da Paz 2020: “O Dia Internacional da Paz é dedicado a instar as partes beligerantes em todos os lugares a depor as armas e a trabalhar pela harmonia.

Como a pandemia de COVID-19 continua a devastar o Mundo, este apelo é mais importante do que nunca. É por isso que apelei por um cessar-fogo global em março. O nosso Mundo enfrenta um inimigo comum: um vírus mortal que está a causar imenso sofrimento, destruindo meios de subsistência, contribuindo para as tensões internacionais e exacerbando os já formidáveis desafios de Paz e Segurança.

O foco do Dia Internacional da Paz deste ano é “Moldar a Paz Juntos”.

Com esse espírito, e para marcar nosso 75º Aniversário, as Nações Unidas estão a reunir as pessoas para uma conversa global sobre como moldar o nosso futuro e reforçar a Paz em tempos difíceis. Nestes dias de distanciamento físico, podemos não ser capazes de ficar perto uns dos outros. Mas, ainda assim, devemos permanecer juntos

certamente mais uma vez poucos nos ouvirão. A mensagem do Secretário-geral da ONU Dr. António Guterres, apela a um calar das armas a nível global para juntos enfrentarmos o atual inimigo comum. Um inimigo não humano, planetário que nos ameaça como sofisticada arma biológica. O apelo à Paz da ONU é por isso objetivo ainda mais complexo e ainda mais difícil de atingir do que em anos anteriores. Por um lado, calar as armas, no mundo, sabemos quão difícil será atingir um dia esse objetivo.

Na própria União Europeia continuam antagonismos e contradições graves de que a Turquia e a Grécia são exemplos. Por outro lado, enfrentar, sem armas, um inimigo da vida humana, global, invisível, insidioso, traiçoeiro, que nos afasta uns dos outros e que mata biologicamente, apresentando-se de forma desconhecida e tendo conseguido aplicar o Princípio da Surpresa, cujo comportamento se tornou viral, torna o combate extraordinariamente difícil.

Acreditamos que esforços individuais e conjuntos convergentes a nível mundial, tais como a Aliança para uma vacina comum, disponível para todos, possa minimizar grandemente a ameaça.

Este objetivo de minimizar a ameaça está de facto nas nossas mãos se cumprirmos as recomendações dos especialistas, que lutam diariamente para conhecer e ajudar a combater tal inimigo.

Vivemos por isso uma Paz e uma Liberdade condicionadas. Só há Paz e Liberdade se houver Bem-Estar. E hoje a ausência de Bem-Estar alargou-se à generalidade das pessoas, as quais viram alteradas ou destruídas as suas condições de vida normal, para além de verem a sua liberdade condicionada a estados de alerta, calamidade, de emergência e de contingência em curto espaço de tempo e sem fim a vista. Nós, antigos combatentes, que sabemos o que é ter que sair da picada para o trilho, da clareira para a floresta, para evitar emboscadas, sabemos que mesmo cumprindo todas as regras sanitárias recomendadas, não estamos livres de sermos atingidos, vindo a

flagelação a que temos estado sujeitos, transformada em ataque frontal e individual.

Por isso, aqui estamos hoje evocando o Dia Internacional da Paz de forma diferente. De máscara, afastamo-nos fisicamente uns dos outros e reduzindo ao mínimo o número de presenças. Após doze anos, fazemo-lo sem corrida, nem marcha pela Paz, mas não deixamos de aqui estar para com esta simbólica cerimónia homenagearmos todos aqueles que nos deixaram e se encontram em Paz eterna e entre eles aqueles cujos nomes se encontram nas lápides que nos rodeiam.

Nós, que ainda vivemos, apelemos na linha orientadora da mensagem do Secretário-geral da ONU para que juntos lutemos para ultrapassar e vencer a atual ameaça da humanidade, pois é global, ameaça a saúde todos, as condições de vida de todos, a economia de todos, de forma ofensiva, persistente e duradoura, criando situações catastróficas.

Face a uma ofensiva poderosa, a defensiva é a solução. Mas uma Defensiva Móvel capaz de criar bolsas onde possam ser lançados poderosos contra-ataques. E esta defensiva, uma vez bem organizada, conduzir-nos-á ao êxito. Está nas nossas mãos, com respeito pelos princípios da defensiva, transformarmos a esperança em confiança que nos trará o retorno à vida normal, com Paz, Liberdade, Justiça e Bem-Estar. Fazemos votos para que para o ano possamos estar novamente aqui, podendo marchar ou correr tranquilamente, como no passado.

*Viva a ADFA!
Viva a Liga dos Combatentes!”*

TGeneral Joaquim Chito Rodrigues

Seguiu-se a cerimónia de deposição de duas coroas de flores das duas instituições e ouviram-se os toques aos Mortos, Alvorada e o Hino da Liga dos Combatentes. As coroas de flores, já depois do final da cerimónia, foram depositadas no Memorial ao Combatente na Capela do Combatente.☑

Isabel Martins

635.º Aniversário da Batalha de Aljubarrota

Evocação do momento histórico de Portugal acontecido em 14 de agosto de 1385

Por convite do Presidente do Conselho de Administração da “Fundação Batalha de Aljubarrota” (FBA) – Dr. Alexandre Patrício Gouveia, a Liga dos Combatentes participou em 14 de agosto pretérito, na cerimónia comemorativa do 635.º Aniversário da Batalha de Aljubarrota, convidada para o efeito pelo Senhor Presidente da FBA.

A comemoração do momento histórico teve lugar no Campo de São Jorge - local onde adjacente se situa o Centro de Interpretação da Batalha de Aljubarrota (CIBA) - decorrendo em campo aberto e em conformidade às determinações sanitárias em vigor para realização de cerimónias públicas - no local onde está implantado o magnífico MURAL ALUSIVO À BATALHA DE ALJUBARROTA, padrão situado na cercania do já referido CIBA e que sinaliza

o local onde a refrega terá ocorrido. De entre as autoridades Militares e Civis participantes nesta “evocação histórica”, regista-se a presença e presidência do Diretor da Direção de História e Cultura Militar (DHCM) – Major General Aníbal Flambó; do Vice-Presidente da Câmara de Porto de Mós – Dr. Eduardo Amaral; do Vice-Presidente da “Fundação Batalha de Aljubarrota” – Arquitecto João Mareco; do Comandante da Brigada de Reação Rápida – Brigadeiro General Pedro Soares; do Comandante do Regimento de Artilharia 4/Leiria - Coronel Carlos Caravela; do Comandante Territorial da GNR de Leiria – Coronel Carlos Afonso, do Tenente-coronel Morouço Almeida Ferreira do Serviço de Assistência Religiosa (SAR) do Exército e Capelão do RA4, coadjuvado pelo Padre José Henriques da Paróquia de Calvaria da Serra.

A cerimónia evocativa teve início pelas 10h da manhã com a deposição de 3 coroas de flores no soco da imagem de D. Nuno Álvares Pereira, momento protagonizado pelo Presidente do Conselho de Administração da FBA; pelo Vice-Presidente da Câmara Municipal de Porto de Mós e pelo Diretor da Direção de História e Cultura Militar em representação do Exército Português, sendo este momento evocativo vincado pela execução do “Toque de Silêncio” seguido do “Toque de Homenagem aos Mortos em Combate” ao qual se seguiram 15 segundos de silêncio, contexto para recordar aqueles que “Por Obras Valerosas se Libertaram da Lei da Morte”.

Dando continuidade ao cerimonial em curso, foi pregoada uma curta Prece pelo Padre Morouço Almeida Ferreira, lembrando e valorando os portugueses que cumpriram o seu Dever naquele Campo de São Jorge,

finalizando-se este detalhe da cerimónia com o “Toque de Alvorada” - uma eterna apologia castrense ao renascer, espiritual e intemporal, dos que Pereceram por Portugal.

De seguida ocorreu a Cerimónia Religiosa Campal, sendo Ministro do Culto o Tenente-coronel do Serviço de Assistência Religiosa e Padre - Luís Morouço Almeida Ferreira, que de forma eloquente e objetiva, adaptou superiormente a sua Prece/Homilia ao momento evocado, enquadrando-a com concisão assinalavelmente esclarecida, com elevação, serenidade e sentimento, tornando a HOMILIA proferida num momento do culto evocativo, cativante e culturalmente bem enquadrada no momento histórico naquele local lembrado.

Seguiu-se a cerimónia de Homenagem aos Mortos, ritual castrense que constitui sempre um Momento entre momentos de homenagem aos Perecidos em Combate, mas que naquele “Campo de Aljubarrota” calou mais fundo em nós ser escutado o “Toque de Silêncio”, um Hino de Esperança e o reviver a Convicção de que o esforço e sacrifício dos nossos camaradas não foi em vão, nem naquele Terreiro nem em qualquer outra parte onde foram enviados para Servir Portugal.

A Invocação Religiosa, tradicional nestas cerimónias e nelas contida, teve como Ministro do Culto Católico o Pároco de Calvaria da Serra.

Seguindo a fita do tempo da cerimónia, teve lugar a Alocução Histórica, ou Palestra, que foi cometida proferir ao Coronel de Infantaria Comando – Américo Guimarães Henriques. O teor da sua mensagem foi abrangente e bastante para memorar os “Valores de 1385”, que exaltou, tecendo uma ponderada analogia para “as interpretações” que esses Valores, no espaço temporal que vivemos, merecem atualmente “a alguns filósofos e/ou pensa-



Foto: EXÉRCITO

dores” portugueses. Em mensagem flamante e discursando de improviso, foi conciso e convicto nas suas afirmações, erudito no dizer e preciso na palavra a todos transmitida, cabendo a cada um dos participantes a interiorização do que abrigou, ou colheu, do teor da Palestra proferida e que também, por aquele pinhal que nos envolvia, foi testemunhado e compreendido, fato de que “poética e alegoricamente” estamos cientes...

O momento que se seguiu, o ato de assinatura dos protocolos de doação do espólio do Tenente-coronel Manuel Afonso do Paço à Fundação Batalha de Aljubarrota - ato que podemos titular como: “Doação para constituição do Fundo Documental Afonso do Paço”, foi singular e mereceu por parte do Arquitecto João Mareco – Vice-presidente da “Fundação Aljubarrota”, que usando da palavra para sublinhar aquele momento, transmitiu na oportuna expressão verbal proferida o seu regozijo pelo significado histórico e material do espólio documental e material doado pelo notável militar e arqueólogo nacional “João do Paço”, recolhido essen-

cialmente no “Terreiro de Aljubarrota” e doravante à guarda da “Fundação”.

Usou de seguida da palavra o Coronel de Engenharia João Paulo Berger, fundamentando as tarefas que o Exército português, na sua colaboração estreita com a “Fundação”, se encontra a desenvolver no âmbito do tratamento, descrição, estudo e divulgação do fundo documental Afonso do Paço, não deixando de referir-se elogiosamente ao legado do Militar e Combatente na Batalha de La Lys (1917-1918), e simultaneamente do Arqueólogo Afonso do Paço cuja tarefa desenvolvida em prol da Arqueologia, entre 1929-1968, o situa internacionalmente na lista dos melhores arqueólogos de campo da época, e cujo espólio da sua denodada labuta é doravante pertença, da “Fundação”.

A encerrar a cerimónia, procedeu-se à entrega da 5.ª edição dos “Prémios António Sommer Champalimaud”, que distinguem pessoas/entidades/projetos importantes para o conhecimento da História de Portugal e da marcante figura de D. Nuno Álvares Pereira, sendo que na 5.ª edição deste concurso ocorreu um desafio mútuo dirigido à Li-

ga dos Combatentes, pela “Fundação” e pelo “Exército”, na perspetiva de terem contribuído para o desenvolvimento social da família militar através da “Liga” e envolvendo em labor coletivo, lúdico, dinâmico e colaborativo, refletindo o espírito de união e de motivação de “Nuno Álvares Pereira”, de D. João I e dos Soldados portugueses, na “Batalha Real” acontecida há 635 anos.

Foram várias as “Instituições” que apresentaram trabalhos subordinados ao tema: “A Vida Militar de Nuno Álvares Pereira”, candidatando-se à 5.ª Edição do Prémio António Sommer Champalimaud.

A Liga dos Combatentes, através do seu Núcleo de Coimbra e do seu CAMPS (Centro de Apoio Médico Psicológico e Social), bem como pelo seu Núcleo de Leiria, foi uma das Instituições que se apresentou a concurso através das “entidades” supra referidas. Assim, o Núcleo de Coimbra da LC submeteu a escrutínio dois trabalhos, e o “Centro de Apoio Médico, Psicológico e Social 4 (CAMPS 4) - Coimbra” submeteu um outro. As duas elaborações temáticas apresentadas



D. Nuno Álvares Pereira (S. Nuno de Santa Maria), patrono da Liga dos Combatentes

por “Coimbra” são da autoria, uma do Major Jorge Carvalho e a outra do Sargento-Ajudante Nereu Monteiro, sucedendo que o “CAMPS 4” submeteu a concurso um “trabalho” coordenado pelas técnicas, Dr.ª Ana Melo e Dr.ª Catarina Gonçalves.

Por seu lado, o Núcleo de Leiria da LC submeteu a concurso um trabalho em suporte digital, produzido com a colaboração de cerca de vinte Combatentes e Famílias, na qualidade de Associados da LC, e coordenado pelo Vice-presidente do Núcleo – Coronel Norberto Serra e pela Assistente Social – Dr.ª Daniela Cardoso.

Os Núcleos concorrentes e o CAMPS 4, bem como os autores das elaborações premiadas ex-aequo, receberam Menções Honrosas e respetiva repartição do prémio pecuniário conferido, que lhes foram entregues, respetivamente, pela Sr.ª Maria João Espírito Santo (viúva de António Champalimaud) e pelo Major General Aníbal Flambo Diretor da DHCM.

Participaram na cerimónia de entrega dos prémios o Presidente da Direção do Núcleo de Coimbra – Tenente-coronel João Paulino, a Dr.ª Ana Melo do CAMPS, bem como uma representante dos autores, a Sra. Anúnciação Duarte e por parte do Núcleo de Leiria o Vice-presidente do Núcleo - Coronel Norberto Serra e a Assistente Social Dr.ª Daniela Cardoso. Todos os trabalhos apresentados, embora sob diferentes suportes, brevemente estarão patentes ao público no Centro de Interpretação da Batalha de Aljubarrota.

A Liga dos Combatentes sente-se honrada pelo convite à sua participação nesta “5.ª Edição Concursal” e reconhecida pelas Menções Honrosas Ex aequo com que foi distinguida.

A Guarda de Honra presente na Cerimónia foi constituída por uma Seção de Atiradores do Regimento de Infantaria 15/Brigada de Reação Rápida/Tomar, sendo os “toques de ordenança” executados por um Terno de Clarins e Caixa do Destacamento da Fanfara do Exército em Coimbra. 🇵🇹

Fernando Aguda, Major-general
Vice-presidente da Liga dos Combatentes



O Coronel Norberto Serra e a Assistente Social Dr.ª Daniela Cardoso estiveram em representação do Núcleo de Leiria da Liga dos Combatentes.



O Vice-presidente da LC, MGen Fernando Aguda e representantes dos Núcleos de Coimbra e Leiria da LC

PRÉMIO ANTÓNIO SOMMER CHAMPALIMAUD 5ª EDIÇÃO
A VIDA MILITAR DE NUNO ÁLVARES PEREIRA
MENÇÃO HONROSA



Atribuída *Ex aequo* ao:
 Núcleo de Coimbra,
 CAMPS-4 (Coimbra),
 Núcleo de Leiria,
DA LIGA DOS COMBATENTES

DR. ALEXANDRE PATRÍCIO GOUVEIA
 GENERAL ANÍBAL FLAMBO
 SÃO JORGE, 14 DE AGOSTO 2020

“HERMANDAD DE ANTIGUOS CABALLEROS” Centenário da Legião Estrangeira Espanhola

“Sou Presidente da Hermandad de Antiguos Caballeros Legionários Lusos, em Portugal, e venho pedir ao Meu General Joaquim Chito Rodrigues a publicação na Revista Combatente de uma notícia sobre os 100 anos da Legião Espanhola que se comemoram em 20 de setembro de 2020”

Dário Venâncio Silva,
 Presidente da HH. AA. CC. LL.



Vários combatentes, alguns deles membros da Liga dos Combatentes que se bateram na Guerra do Ultramar, alistaram-se na Legião Estrangeira Espanhola e, posteriormente na Hermandad de Antiguos Caballeros de España (H.A.C.E.). Assim aconteceu com Dário Venâncio da Silva, sócio nº. 183034 da Liga dos Combatentes e que serviu em Moçambique em 1972/1974 e se alistou na Legião em 1975, sendo hoje Presidente da Hermandad de Antiguos Caballeros Legionários Lusos.

Solicita-nos que assinalemos na nossa revista o Centenário da Legião Espanhola que ocorre em 20 de setembro de 2020. Mais de 10.000 mortos e 40.000 feridos é dádiva de muitos cidadãos espanhóis e estrangeiros a Espanha em todas as campanhas e missões em que os legionários tomaram parte, com a admiração do povo espanhol.

O Major Alfredo Almeida Rodrigues, os Comandos Joaquim Silveira e José Rosa, conjuntamente com o Dário da Silva, são hoje membros Honorários

da Hermandad Nacional dos Antigos Combatentes Legionários de Madrid.

A seu pedido aqui assinalamos o Centenário da Legião Espanhola que serviram, e apresentamos as nossas sinceras felicitações pela efeméride.

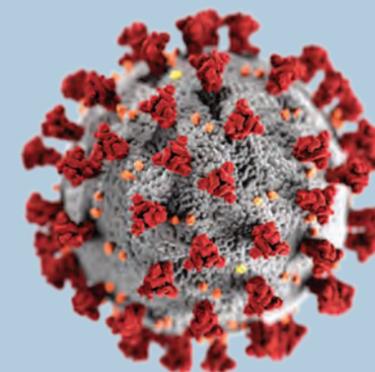
De certo modo, tal como a Liga dos Combatentes, a H.A.C.E. tem como objetivo manter vivo o vínculo dos “Caballeros Legionários” que fizeram parte da Legião Espanhola e que terminaram a sua missão no Exército Espanhol. 🇵🇹

LIGA SOLIDÁRIA - Apoio à COVID-19

Tendo como objetivo apoiar a Liga dos Combatentes no combate à COVID-19, as doações que vimos solicitando, no âmbito deste Programa, destinam-se agora, a apoiar as dificuldades e situações criadas pela pandemia.

Vimos solicitar a ajuda de todos depositando na conta abaixo indicada, o vosso contributo.

Conta Solidária - NIB 0035 0396 0022 0208 9305 8



Rússia homenageia a memória dos seus antepassados

Museu do Combatente-Forte do Bom Sucesso

Sob o nome “Vela da Memória”, em Portugal, comemorou-se no dia 22 de junho 2020 o Dia da Memória e da tristeza em muitas cidades de Portugal. A Liga dos Combatentes (LC) na pessoa do seu Presidente TGen Joaquim Chito Rodrigues autorizou o evento da Embaixada da Rússia neste dia no Monumento aos Combatentes do Ultramar/Museu do Combatente em Belém.

Organizado pela Embaixada juntamente com o representante de Rosotrudnichy, o Presidente da Liga dos Combatentes, o Conselho Português de Paz e Cooperação, a Associação “Yuri Gagarin”, a Sociedade da Amizade entre Portugal e Cuba, representantes dos partidos políticos e movimentos, o Conselho de Coordenação de compatriotas russos e jovens Asa do ativo da diáspora, adido assistente na Embaixada e colaboradores da missão Russa.

Com velas acesas nas mãos, os participantes homenagearam a memória dos antepassados russos, 26,6 milhões de pessoas, lutadores, trabalhadores, população civil que morreu durante a Grande Guerra Patriótica em nome da Pátria Russa. No seu discurso, o representante de Rosotrudnichestvo V. S. Yaroshevsky observou a importância de evitar esquecer o grande feito do povo soviético que deu vida às gerações futuras. Por sua vez, o presidente da LC, sublinhou que o principal de hoje é a preservação da paz.

Ouviram-se os toques de Silêncio e Alvorada, fez-se um minuto de silêncio e cada um, com a sua vela acesa e duas rosas vermelhas dirigiram-se ao Memorial do Combatente na Capela do Combatente, onde ofertaram as rosas junto ao túmulo do soldado desconhecido da Guiné, e fizeram a sua homenagem aos familiares, amigos e todos os militares caídos entre 1941/1945, milhões de vítimas deste período só na Rússia, até ao fim da Segunda Guerra Mundial. ■



Inauguração no passado dia 9 de setembro, no Museu do Combatente, de uma Exposição de fotografia “Imagens Vivas da Guerra”, da embaixada russa e agência Rosotrudnichestvo evocando o 75.º aniversário do final da segunda guerra mundial e da vitória na grande guerra pátria.

Com a presença do Embaixador Extraordinário e Plenipotenciário da Federação da Rússia na República Portuguesa Mikhail L. Kamynin e do Presidente da Liga dos Combatentes, Tenente-general Chito Rodrigues, além de individualidades militares e civis convidadas, foi oficialmente inaugurada no dia 9 de setembro a exposição fotográfica “Imagens Vivas da Guerra”, no Museu do Combatente.

O Embaixador Mikail L. Kamynin, no gabinete do Tenente-general Chito Rodrigues, Presidente da Liga dos Combatentes, assinou o Livro de Honra e trocaram lembranças associadas ao seu País e à Instituição portuguesa, após o que se dirigiram à parada repleta de entidades militares e civis convidadas, bem como vogais da Direção Central da Liga dos Combatentes.

Após as palavras do Embaixador Mikhail L. Kamynin e pelo Tenente-general Chito Rodrigues, seguiu-se um concerto de trinta minutos pelos Solistas da Orquestra Consonância, quarteto de cordas composto por Elena Ryabova-Mkhitarian (violino), Félix Alonso Duarte (violino), Francisca Fins-Zlotnikov (viola) e Fernando Costa (violoncelo), com apresentação de duas obras dos compositores P. Tchaikovsky, Andante Cantabile (do Quarteto Nº. 1, Op. 11) e D. Schostakovich Quarteto para cordas Nº. 8, Op. 110, (Em memória das vítimas da guerra).

A música surgiu vibrante, triste, alegre ou dramática, ilustrando bem as diferentes fases da Guerra vivida, e enquadrada no ambiente agradável do Forte ao anoitecer. Após a abertura da exposição “Imagens Vivas da Guerra”,



apresentada por Vladimir Iaroshevskii (Agência Rosotrudnichestvo), seguiu-se um cocktail oferecido pela Embaixada da Rússia com vinhos La Lys da Liga dos Combatentes, e do famoso Vodka russo.

No final o Tenente-general Chito Rodrigues acompanhou o Embaixador Mikhail L. Kamynin numa visita a duas das exposições do Museu do Comba-

tente “A Trincheira”, que mostra o ambiente em que os militares da Grande Guerra enfrentaram as trincheiras da Flandres, e, passando pela exposição da “Grande Guerra ao Vivo ilustrando a Paz”, a nova exposição de modelismo naval, que embora ainda em fase de finalização já está aberta ao público na Sala Augusto de Castilho.

Fonte: Isabel Martins Fotos: Hugo Duke

Impacto da Covid-19 na população combatente

– Estudo de monitorização em curso –

Resumo de estudo de monitorização de amostra (clínica e social) de combatentes e familiares associados da Liga dos Combatentes, acompanhados pelos CAMPS. O Estudo/Artigo pode ser consultado no Centro de Estudos de Apoio Médico, Psicológico e Social (CEAMPS).

Durante os meses de maio e junho de 2020 – período pós-confinamento da pandemia (Covid-19), foram recolhidos dados junto de uma amostra de 1072 combatentes e familiares, sócios da Liga dos Combatentes, acompanhados pelos técnicos dos Centros de Apoio Médico, Psicológico e Social (CAMPS) em todas as regiões do país, para a realização de um estudo, da qual partilhamos um resumo dos principais resultados.

Descrição/procedimento/objetivos

Foi construída uma base de dados para estudo e monitorização cujo objetivo é avaliar três dimensões: 1. Autonomia para as Atividades de Vida Diária (AVD,s) e Rede de Suporte Social e Familiar; 2. Doenças crónicas mais comuns nesta população; 3. Perturbação/sintomatologia psicológica; e 4. Tipo de apoio ou intervenção (médica, psicológica, social).

Os dados foram recolhidos pelos técnicos dos CAMPS através de entrevistas estruturadas com a duração média de 30 a 40 minutos.

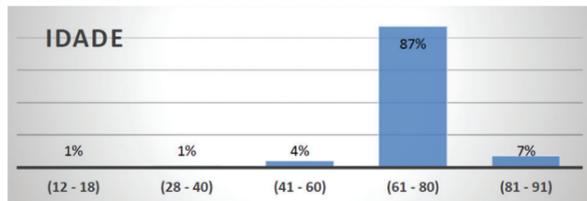
Tendo em conta que é um estudo exploratório de nível descritivo e correlacional, pretendeu-se ainda analisar a relação entre estas variáveis e se existiam diferenças estatisticamente significativas entre a faixa etária e as restantes variáveis em estudo.

PRINCIPAIS RESULTADOS

1. Caracterização da amostra

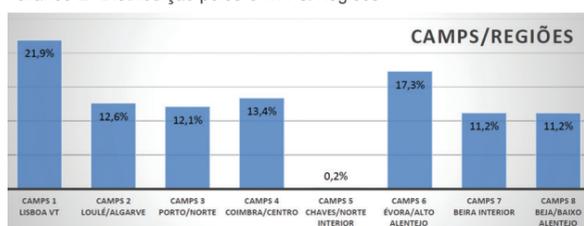
A idade dos participantes varia entre os 12 e os 91 anos (M=71,58; Dp=8,48), sendo que a maioria se concentra na faixa etária dos 61-80 anos (gráfico 1).

Gráfico 1- Idade



Conforme gráfico 2 os participantes estão distribuídos pelos CAMPS/Regiões do País com maior expressão dos Núcleos da região de Lisboa e Vale do Tejo - CAMPS 1 (21,9%), do CAMPS 6 Évora – Alto Alentejo (17,3%) e CAMPS 4 – Centro (13,4%). Participaram no estudo 62 Núcleos, distribuídos pelas regiões de atuação dos CAMPS.

Gráfico 2- Distribuição pelos CAMPS/Regiões



2. Dimensões em estudo

a. Autonomia para as Atividades Vida Diária (AVD,s) e Rede de Suporte Familiar.

Gráfico 3- Autonomia para as AVD's

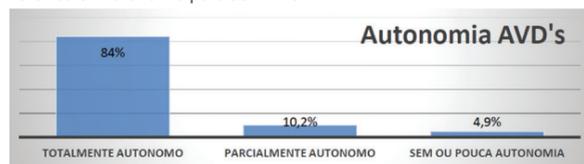
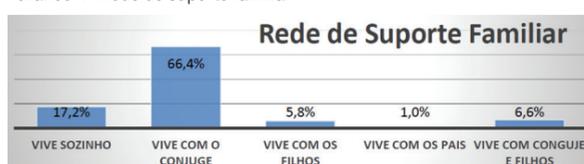


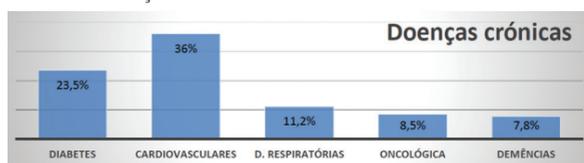
Gráfico 4- Rede de suporte familiar



A maior parte são autônomos (84%) e vivem com o conjuuge (64,4%), no entanto 17,2% vivem sozinhos.

b. Doenças crónicas mais comuns na população combatente.

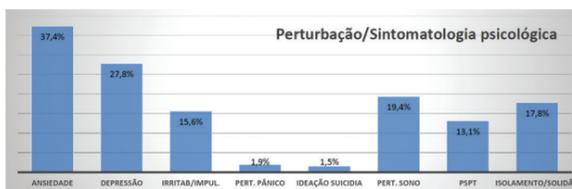
Gráfico 5- Doenças crónicas



Conforme gráfico 5, as doenças crónicas que mais afetam esta população são as doenças cardiovasculares (36%) e a diabetes (23,5%). Salienta-se que os inquiridos geralmente sofriam de mais do que uma doença crónica.

c. Perturbação/sintomatologia psicológica

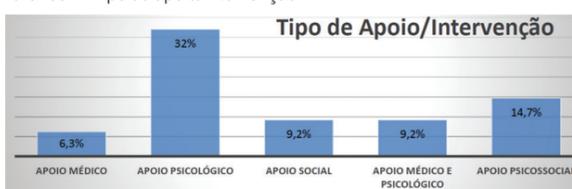
Gráfico 6- Perturbação/Sintomatologia psicológica/mental



As perturbações psicológicas que mais afetam a saúde mental desta população são a ansiedade (37,4%), depressão (27,8%), seguidas da perturbação de sono (19,4%) e isolamento/solidão (17,8%).

d. Tipo de apoio ou intervenção (médica, psicológica, social)

Gráfico 7- Tipo de apoio/intervenção



O tipo de apoio que esta população mais procura é o apoio psicológico (32%), seguido de apoio psicossocial (14,7%).

e. Relação entre variáveis



Encontramos duas relações mais significativas entre este período da pandemia (covid-19):

1. Maior autonomia, menores problemas cardiovasculares, menos ansiedade e menos isolamento/solidão.
2. Mais suporte social, menor impulsividade, Perturbação de Pânico, problemas de sono e PSPT.

f. Contacto direto ou indireto, assintomáticos, sintomas leves a moderados e/ou estando em vigilância Covid-19 não realizando teste nem necessidade de internamento.



PRINCIPAIS CONCLUSÕES/REFLEXÕES

A amostra foi recolhida em todas as regiões do País com mais incidência na região de Lisboa e Vale do Tejo, Alentejo e Centro;

A população combatente inquirida encontra-se maioritariamente na faixa dos 61 aos 80 anos, abrangendo antigos combatentes e seu agregado familiar, cujo principal factor de risco é a idade, com uma média superior a 70 anos e 85% na faixa etária de mais de 60 anos.

As doenças crónicas mais relevantes são as doenças cardiovasculares e diabetes. E como tal existem fatores acrescidos de risco, doenças crónicas (cardiovasculares, respiratórias, diabetes, oncológicas), estão presentes em cerca de 30% desta população.

As perturbações psicológicas que mais prevalecem foram a ansiedade e depressão, perturbação do sono e o isolamento/solidão;

Esta é uma população que recorre maioritariamente ao apoio psicológico e apoio psicossocial;

Várias relações entre variáveis foram detetadas, salientando-se a pandemia (Covid-19) com as perturbações de sono e pânico, bem como níveis baixos de autonomia que são geradores de maior ansiedade e uma reduzida perceção de suporte social, o que tem consequência no desenvolvimento da Perturbação de Stress Pós-Traumático (PSPT).

O impacto na saúde mental é significativo, sendo a ansiedade e depressão um denominador comum nas várias perturbações que a pandemia provoca, afetando cerca de 1/3 das pessoas. Os medos de vária ordem, sobretudo o medo de serem infetados ou infetar outras pessoas, e a perceção e antecipação de uma ameaça de um futuro incerto, incluindo a perceção de isolamento e perda de suporte e apoio social. Todos vivemos em função da necessidade de garantir uma necessidade básica importante que é a nossa segurança e a dos mais próximos.

Um dos aspetos positivos é que a maior parte da população em estudo são autônomos (84%) e vivem com o conjuuge ou com os filhos, no entanto 17,2% vivem sozinhos, um aspeto a ter em conta pois poderá gerar solidão na pessoa e outras perturbações psicológicas consequentes, e que 4,9% tem pouca autonomia o que pode condicionar a sua perceção de apoio social e saúde, tanto física como psicológica.

Em síntese: Os resultados apresentam-se muito interessantes e vão de encontro a outros estudos realizados com a população em geral, e tornam-se mais relevantes por ser o único estudo realizado, neste âmbito, com a população combatente. Estes resultados são importantes indicadores para orientação no apoio à prevenção e intervenção dos técnicos dos CAMPS nesta fase pandémica. O estudo continua em curso na monitorização/accompanhamento da amostra, e de acordo com a evolução da situação pandémica, Covid-19.

Estudo realizado pelo CEAMPS, com apoio dos CAMPS e Núcleos e colaboração da Estagiária da OPP, Dr.ª Maria Vieira. 📄

SÃO TOMÉ E PRÍNCIPE



Fernando Aguda
Major-general

O Programa Estruturante da Liga dos Combatentes, denominado: “Conservação das Memórias”, com génese validada pelo definido na Resolução da Assembleia da República n.º 75/2009 de 23 de julho de 2009, abrange os PALOP, onde a Liga dos Combatentes vem desenvolvendo a sua atividade. Em São Tomé e Príncipe, o “Programa” recolheu a boa vontade e o interesse do Adido de Defesa junto da Embaixada de Portugal naquele País, tendo o Talhão da Liga dos Com-

batentes, situado no Cemitério de São João da Vargem, sido alvo de atividades de manutenção periódica e de recuperação mais detalhada, realizadas por solicitação da “Liga” e a expensas desta. As fotos que ilustram este artigo demonstram o bom estado atual de conservação do “Talhão”, deixando claramente subentender o empenho na manutenção daquele “Espaço Cemiteiral” por parte do Coronel de Artilharia e Adido de Defesa – COR Costa dos Reis e do Assessor Técnico do Projeto da Cooperação no Domínio da Defesa – Primeiro-Sargento de Engenharia do RE3 – Óscar Costa.

A Liga dos Combatentes reconhece a colaboração prestada e a eficiência da recuperação praticada no “Talhão”, dignificando a Memória dos Combatentes por Portugal que no Cemitério de São João da Vargem estão inumados. Se reconhecer é obrigação da “Liga”, agradecer o empenho e a concretização da obra é uma imposição moral que se publicita. 



2011 Combatente setembro 2020



2011 Combatente setembro 2020

Monumento aos Combatentes

Alte, concelho de Loulé

Foi inaugurado no passado dia 10 de setembro, na aldeia de Alte, concelho de Loulé, um monumento aos Combatentes. Presidiu à cerimónia o ministro da Defesa Nacional, Dr. João Gomes Cravinho com a presença da Secretária de Estado de Recursos Humanos e Antigos Combatentes, Prof.ª Dr.ª Catarina Sarmento e Castro. Nesta cerimónia de inauguração estiveram também presentes o Presidente da Câmara de Loulé, Vítor Aleixo, o Presidente da Junta de Freguesia de Alte, António Martins e o Presidente da Liga dos Combatentes, Tenente-general Joaquim Chito Rodrigues.

O monumento da autoria de Daniel Vieira e de Renata Pawelec situado na rotunda dos combatentes de Alte, consiste numa mesa simbólica, com uma perna partida, sobre a qual estão assentes um relógio e um capacete.

A mesa representa o local onde se reúne a família que, como explicou o presidente da Junta, António Martins, “está diminuída na sua funcionalidade e estabilidade por lhe faltar uma perna, tal como a família com a ausência do combatente”. O relógio não tem ponteiros, significando a paragem do tempo durante a ausência dos membros da família. A ausência do número 11 representa o número de militares Alenses que perderam a vida na guerra do Ultramar. O capacete em cima da mesa representa o regresso com missão e o dever cumpridos e o retorno à família. O buraco de bala existente no capacete recorda as vidas perdidas na guerra.

O presidente da Câmara Municipal de Loulé, Vítor Aleixo, referiu que esta obra “faz um forte apelo à paz, à serenidade e à consciência” e recordou ainda que “nas guerras de África, faleceram 11 combatentes de Alte” e na Primeira Guerra Mundial “123 jovens desta freguesia foram mobilizados. Maioritariamente camponeses, partiram para Angola, Moçambique e Flandres. Lutaram heroicamente, morreram alguns,

e outros voltaram com sequelas físicas e psicológicas que os acompanharam até ao final dos seus dias”.

O ministro da Defesa Nacional, João Gomes Cravinho reforçou a importância de se continuar a homenagear os combatentes, porque “Honrar as suas memórias é um gesto essencial para uma sociedade que se queira respeitar a si própria. Reconhecer os antigos combatentes, os que faleceram em combate e os que hoje estão entre nós, é uma dívida que o Portugal do presente



Reconhecer os antigos combatentes, os que faleceram em combate e os que hoje estão entre nós, é uma dívida que o Portugal do presente tem em relação ao Portugal do passado...

te tem em relação ao Portugal do passado e o reconhecimento dessa dívida é uma peça-chave para construirmos



um país que queremos para o futuro”, referiu. Quanto ao Estatuto assinalou ser “o princípio de um caminho”.

No uso da palavra, para o Presidente da Liga dos Combatentes, Tenente-general Joaquim Chito Rodrigues “Espalham-se pelo país e pelo estrangeiro, lápides, padrões e cerca de quatrocentos

monumentos erguidos com a mesma finalidade e o mesmo sentimento que nos une hoje aqui. Testemunhar o respeito. Marcar publicamente o apreço e gravar na pedra e no ferro a perenidade da gratidão e da memória dos que lutaram ou caíram por Portugal. Mas hoje, e após 45 anos, por coïn-

cidência com a presença de Sua Ex.ª o Ministro da Defesa Nacional, o sentimento que percorre os combatentes, tem um cambiante, é mais forte, mais sentido, mais tranquilo e permite, finalmente, aberto e generalizado regozijo”.

O novo Estatuto do Combatente publicado pela Assembleia da República

reconhece finalmente, o esforço, o sacrifício e o luto de milhões de portugueses. O reconhecimento foi total vindo da casa, símbolo da democracia. Falta aprofundar a Solidariedade, nomeadamente o apoio à saúde e o apoio social revendo a Lei 3/2009. É isso que continuamos a aguardar. ■

PALAVRAS DO PRESIDENTE DA LIGA DOS COMBATENTES, GENERAL CHITO RODRIGUES NA INAUGURAÇÃO DO MONUMENTO AOS COMBATENTES EM ALTE- 10SET2020

Exmo. Senhor Ministro da Defesa Nacional Dr. João Gomes Cravinho, Excelência. Exmos Senhores Deputados à Assembleia da República. Exma. Senhora SERHAC Prof.ª Dra. Catarina Sarmento e Castro. Exmo. Senhor Almirante Chefe do Estado-Maior da Armada Almirante António Calado. Exmo. Senhor Presidente da Câmara de Loulé Dr. Vítor Aleixo e Exmo. Senhor Presidente da Junta de Freguesia de Alte António Martins. Autoridades Cívicas, Militares e Religiosas. Exmo. Senhor Presidente do Núcleo de Loulé da Liga dos Combatentes

Exmos. Convidados, Caros Combatentes, Minhas Senhoras e Meus Senhores

Alte, centro geográfico do Algarve, entre o Barrocal e a Serra, junta-se hoje, com esta cerimónia, ao Reconhecimento que o Portugal profundo vem fazendo, nos últimos anos, do cumprimento de um dever dos militares que tiveram que tomar parte no conflito do ultramar que durou 21 anos, com sacrifício, risco permanente da vida, perda da liberdade e luto de muitas famílias.

Espalham-se pelo país e pelo estrangeiro, lápides, padrões e cerca de quatrocentos monumentos erguidos com a mesma finalidade e o mesmo sentimento que nos une hoje aqui. Testemunhar o respeito. Marcar publicamente o apreço e gravar na pedra e no ferro a perenidade da gratidão e da memória dos que lutaram ou caíram por Portugal. Mas hoje, e após 45 anos, por coincidência com a presença de Sua Ex.ª o Ministro da Defesa Nacional, o sentimento que percorre os combatentes, tem um cambiante, é mais forte, mais sentido, mais tranquilo e permite, finalmente, aberto e generalizado regozijo.

O Governo e a Assembleia da República, verdadeiro berço representativo da democracia e do povo português, publicaram recentemente em Lei o Reconhecimento público que consideram ser devido aos Combatentes da Guerra do Ultramar. O novo Estatuto dos Antigos Combatentes, no que diz respeito ao Reconhecimento, deve ser considerado pelos combatentes um documento Histórico. Os combatentes da guerra do ultramar são hoje expressamente Titulares do Reconhecimento da Nação. Por isso, o sentimento que envolve a inauguração de hoje, em Alte, ultrapassa o Portugal profundo e vê-se reforçado pelo acordo unânime entre o governo e as diversas forças políticas da Assembleia da República e adquirindo assim, a força de Reconhecimento Nacional.

Ao reconhecimento finalmente conseguido, os Combatentes respondem com a força de igual reconhecimento e fazem votos para que em futuro próximo possa igualmente ser-lhes garantida a melhoria do apoio a saúde física e mental nomeadamente no Hospital das Forças Armadas e apoio social, aprofundando a solidariedade, que lhes é devida, melhorando os suplementos de pensão e as pensões de pobreza de muitos combatentes, benefícios não englobados no recente estatuto.

Senhor Presidente da Junta de Freguesia de Alte felicito pela corajosa iniciativa bem materializada com o conceito e obra do escultor que igualmente felicito. Não importa a dimensão dos lugares. Importa sim a dimensão das pessoas e os seus valores. O meu agradecimento ao senhor Presidente da Câmara de Loulé pelo convite e pelo permanente e incondicional apoio sempre dado ao Núcleo de Loulé da Liga dos Combatentes a cujo Presidente Manuel Almeida Costeira aqui presente dirijo uma palavra de saudação fraterna e um agradecimento pelo apoio prestado a esta cerimónia.

Senhor Ministro da Defesa Nacional, Dr. João Gomes Cravinho, num tempo de pandemia, que preocupa o país e em que a Defesa Nacional e as Forças Armadas têm estado profundamente empenhados no apoio a resolução deste

grave problema sanitário, permita que aproveite a sua presença, e que igualmente lhe transmita e publicamente agradeça o incedível empenho de toda as estruturas de saúde e sociais da Liga dos Combatentes e dos Núcleos espalhados pelo país, nomeadamente o Núcleo de Loulé, com o seu Centro de Apoio Médico, Psicológico e Social, os quais em ligação permanente com os órgãos de saúde locais têm conseguido com base em diretivas e diversos planos de contingência elaborados, manter praticamente incólumes os nossos membros, sendo de salientar a tranquilidade até hoje vivida nas residências de terceira idade do Porto e de Estremoz, bem como na creche e jardim de infância. Sabemos que não podemos baixar a guarda, mas é com orgulho que transmito a V. Exa que felizmente até hoje os quadros da nossa instituição têm cumprido superiormente o seu dever e vimos vencendo a pandemia. Se algum de nós cair temos a certeza que a Liga dos Combatentes não cairá.

Uma palavra de confiança, conforto e esclarecimento aos combatentes e famílias. Conseguimos no estatuto do combatente agora publicado, uma série de benefícios no âmbito do reconhecimento. A maior parte deles carece de regulamentação. Acaba de sair a portaria que estabelece o modelo do cartão do combatente que um dia através do Ministério da Defesa Nacional, receberão em casa. Importa ler o estatuto bem como a portaria do cartão do combatente, já publicada e estar atento, mas ter calma necessária para dar tempo a que o MDN desenvolva os trabalhos que a regulamentação da Lei exige. Importa ter em consideração que não compete à Liga dos Combatentes a execução de qualquer das tarefas ali estabelecidas e algum esclarecimento deve ser procurado junto do balcão Único da Defesa Nacional. Congratulo-me com mais este oásis de valores que neste espaço, Alte passa a apresentar a partir de hoje a Portugal, ao Algarve, aos seus habitantes e à sua juventude. Valores que estão bem na linha do grito da Liga dos Combatentes

*Liga dos Combatentes, Valores Permanentes
Liga dos Combatentes, Em todas as Frentes.*

Termino com um poema meu, que dedico às Mães de Alte que deixaram seus filhos ir para a guerra e regressaram à serra, intitulado:

No Horizonte

*Deixei meu filho ir p'ro mar
Ir p'ra longe da terra... lutar
Deixei meu filho ir p'ro mar
Poderá não voltar!...
No cais
Muitas Mães a chorar
Deixaram seus filhos ir p'ro mar
Não vão sós
Vão em vapor militar
Vão p'ra longe da terra. Lutar!
Volto a serra
Volto ao monte
Deixei meu filho ir p'ro mar
Continuo a vê-lo no Horizonte*

Parabéns à Freguesia de Alte. Parabéns ao seu Presidente, António Martins
VIVA A LIGA DOS COMBATENTES! VIVA PORTUGAL!

Neste Natal ofereça vinho La Lys

vinho tinto
red wine
reserva



Cx. c/6 garrafas
29,16€
750ml

vinho tinto
red wine
colheita selecionada



Cx. c/6 garrafas
18,96€
750ml

vinho branco
white wine
colheita selecionada



Cx. c/6 garrafas
16,98€
750ml

frisante branco
sparkling white
colheita selecionada



Cx. c/6 garrafas
14,76€
750ml

frisante rosé
sparkling rosé
colheita selecionada



Cx. c/6 garrafas
14,76€
750ml

vinho licoroso
portified wine
reserva



Cx. c/1 garrafa
13,00€
500ml

vinho tinto /vinho branco
red wine / white wine
bag in box



Cx. c/5L
6,50€



Cx. c/10L
12,15€

Para ofertas

- 1 garrafa de vinho tinto reserva
- 1 garrafa de vinho tinto
- 1 garrafa de vinho branco
- 1 chouriço tradicional 0,180kg
- 1 painho 0,300kg

27,06€



COMPRE NO SEU NÚCLEO

AJUDE A LIGA DOS COMBATENTES

Requisições e pagamento:
carloscarrera@ligacombatentes.org.pt
quintaatela@valgrupo.pt

Exportação, Restauração e Empresas
josemariapmartins@gmail.com
geral@ligacombatentes.org.pt

Condições de entrega:
Pagamento no ato da encomenda. Entrega em todo o território nacional e ilhas, a combinar caso a caso, de acordo com a quantidade solicitada.

Visita ao Complexo Social Nossa Senhora da Paz e ao Núcleo do Porto



Foto: Hugo Duarte

Em 28 de julho de 2020, o Presidente da Liga dos Combatentes, Tenente-general Joaquim Chito Rodrigues, o Vice-presidente Major-general Fernando Aguda e o Secretário-geral Coronel Lucas Hilário realizaram uma visita de tra-

balho ao Núcleo do Porto e ao Complexo Social Nossa Senhora da Paz.

Pelas 10H30 da manhã foram recebidos no Núcleo do Porto pelo seu Presidente - Coronel José Belchior, Vice-presidente - Superintendente Jor-

ge Filipe Moutinho Barreira e vogais da Direção, após o que se reuniram para análise de assuntos importantes relativas a ambas as partes, salientando-se assuntos referentes à gestão da sede e do Centro de Apoio Médico e Social. Pelas 13h00 e acompanhados do pessoal em serviço no Núcleo realizou-se um almoço de trabalho no Restaurante que funciona anexo ao mesmo. Seguidamente os membros da Direção Central deslocaram-se ao Complexo Nossa Senhora da Paz, onde constataram a tranquilidade que se tem vivido, no âmbito da COVID-19 e visitaram a área que se encontra em obras, tendo em vista a ampliação da Residência Sénior em mais catorze lugares. As obras decorrem a um ritmo influenciado pela situação do Coronavírus, mas estima-se a sua conclusão para fins do mês de outubro, dotando assim, o Complexo de mais possibilidades de apoio social a combatentes e familiares.

Macedo de Cavaleiros

Lagoa inaugura Monumento aos Combatentes

A Freguesia de Lagoa, do concelho de Macedo de Cavaleiros, inaugurou no passado dia 12 de julho de 2020, um monumento aos Combatentes desta Freguesia, que combateram nas guerras de África e Índia. O Núcleo dos combatentes de Macedo de Cavaleiros, acompanhou de perto a evolução do sonho do combatente Alcino Mateus e congratulou-se com a sua realização. É um monumento simples, mas de enorme significado. Neste monumento constam os nomes de mais de 70 combatentes da freguesia de Lagoa e alguns deles prestaram, com orgulho e garbo, honras militares aos combatentes vivos e mortos. Foram impostas medalhas comemorativas e, algumas, a título póstumo, às viúvas e familiares dos combatentes falecidos. Uma palavra de apreço para o Presidente da Junta de Freguesia de Lagoa - José António, sempre pronto a apoiar a iniciativa dos combatentes, contribuindo, dentro das suas limitações, para a concretização do sonho do Alcino e dos combatentes da sua Freguesia. Esteve presente nesta inauguração o presidente do Núcleo da Liga dos Combatentes em Macedo de Cavaleiros - António Manuel Batista, que facultou os estandartes para o desfile.



Guarda

96.º Aniversário

Em 12 de setembro de 2020, o Núcleo da Guarda comemorou o seu 96.º Aniversário. Face à situação epidemiológica que se vive atualmente no nosso país e em todo mundo, face à pandemia da COVID 19, este ano as comemorações oficiais do aniversário do Núcleo, restringiram-se à Cerimónia de Homenagem aos Mortos realizada junto ao Monumento aos Combatentes no Ultramar do Concelho da Guarda, onde foi deposta, por dois combatentes no ultramar, uma coroa de flores em homenagem aos "filhos da terra" que tombaram ao serviço da Pátria.

Estiveram presentes na cerimónia o Presidente da CM da Guarda, Dr. Carlos Alberto Chaves Monteiro, o Presidente da Junta de Freguesia da Guarda, o Presidente da Assembleia de Freguesia da Guarda, o representante do Comando Territorial da GNR da Guarda, o representante do Comandante Distrital da PSP da Guarda, assim como alguns sócios do Núcleo.

As comemorações tiveram início junto à Sede do Núcleo, com a Cerimónia do Hastear da Bandeira Nacional, seguindo-se a deposição de uma coroa de flores junto ao Monumento aos Mortos da Grande Guerra, apenas com a presença dos elementos da Direção do Núcleo e alguns sócios. Bem-Haja a todos aqueles que se associaram às Comemorações do Núcleo da Guarda da Liga dos Combatentes e prestaram a justa e merecida homenagem aos Combatentes da Guarda e de PORTUGAL. "Um homem só morre quando deixar de ser lembrado"



Sabugal

10.º Aniversário do Núcleo

Comemorou-se no dia 30 de agosto de 2020, o 10.º Aniversário do Núcleo do Sabugal com o objetivo de lembrar os combatentes do Ultramar. A cerimónia foi realizada junto do Monumento aos combatentes do Ultramar e assinalada com o hastear das Bandeiras Nacional, da Liga dos Combatentes e do Município.

Foi também efetuada a colocação de um ramo de flores e guardado um minuto de silêncio em homenagem aos militares mortos em campanha.

A cerimónia contou com a presença dos membros da Direção do Núcleo



do Sabugal, 1.º Vogal Administrativo da Direção Central - Tenente-coronel Pires

Martins e o Vereador da Câmara Municipal - Amadeu Neves.

Leiria

Cerimónia de Homenagem aos Combatentes do Concelho de Leiria

No dia 20 de setembro a Câmara Municipal de Leiria e a Liga dos Combatentes, homenagearam os seus Combatentes do Ultramar, numa cerimónia que atendendo à situação pandémica atual, decorreu de forma mais simples, mas plena de significado honrando a memória e reconhecendo o esforço daqueles que lutaram por Portugal e que são um exemplo de resiliência, dedicação e heroísmo.

Esta homenagem, que envolveu cerca de meia centena de Combatentes, esposas, entidades Cívicas, Militares e Forças de Segurança, teve o seu ponto de acolhimento na Sé de Leiria onde assistiram à Eucarística, celebrada pe-



lo Rev. Padre e Capelão Luís Morouço, seguindo-se uma Cerimónia de Homenagem junto ao Monumento aos Combatentes do Ultramar no Largo 5 de ou-

tubro com a deposição de duas coroas de flores, pelo Núcleo de Leiria o Major Marto Silva e pela Câmara Municipal de Leiria o Presidente Dr. Gonçalo Lopes. 

Lamego

96.º Aniversário do Núcleo

Integrado no Programa das Festas em Honra de Nossa Senhora dos Remédios, e cumprindo as orientações emanadas pela Direção Geral de Saúde para a prevenção da COVID 19, o Núcleo de Lamego da Liga dos Combatentes comemorou, no passado dia 06 de setembro de 2020, o seu 96.º Aniversário, junto ao Monumento ao Combatente situado na Avenida Dr. Alfredo de Sousa na cidade de Lamego.

Presidiu ao ato, o Coronel Valdemar Lima, Presidente da Direção do Núcleo, acompanhado pelo Presidente da Câmara Municipal de Lamego, Dr. Ângelo Moura, e chefe de Gabinete Dr. Vítor Paulo, os quais se quiseram associar a este ato de elevado simbolismo.

A cerimónia teve o apoio do Centro de Tropas de Operações Especiais (CTOE), estando presente o Tenente-coronel Paulo Roxo em representação do Comandante, Coronel Raúl Matias. Cerimónia realizada de forma muito singela, mas com significado profundo, com a presença dos elementos



que constituem os Órgãos Sociais do Núcleo, consistiu na deposição de uma coroa de flores no Monumento do Soldado Desconhecido, ouvindo-se de seguida o Toque de Silêncio, em homenagem a todos que em algum momento da nossa história deram a

vida pela Pátria. Infelizmente devido à atual situação de pandemia, não foram convidados os restantes sócios e demais entidades representativas das diversas instituições da cidade, não se tendo realizado o já tradicional almoço-convívio. 

vision&co
cco óptica
www.cco-optica.pt

50%
desconto direto
em lentes oftálmicas



Descontos para sócios
e familiares diretos.

30%
desconto em aros
para lentes oftálmicas

Av. de Roma 35A, 1700-342 Lisboa
(junto ao Hotel Roma)
De Segunda a Sexta, das 10h00 - 19h00
Sábados das 10h00 às 14h00
Tel.: 21 135 6472 / 911 050 359

Marcação de consultas de oftalmologia com acordo IASFA e ADM.

Gripe espanhola: A pandemia mais mortal da história

Em 1918, uma estirpe de gripe conhecida como gripe espanhola causou uma pandemia global, espalhando-se rapidamente e matando indiscriminadamente. O surto aproveitou-se da Primeira Guerra Mundial, causando a morte de cerca de 50 milhões de pessoas. As estimativas variam quanto ao número exato de mortes causadas pela doença, mas pensa-se que tenha infectado um terço da população mundial e matado pelo menos 50 milhões de pessoas, o que faz dela a pandemia mais mortal da história moderna. Apesar do nome “Gripe Espanhola”, é pouco provável que o vírus tenha tido origem em Espanha.



Jorge Henrique Martins

O surto começou em 1918, durante os últimos meses da Primeira Guerra Mundial, e os historiadores acreditam agora que o conflito pode ter sido parcialmente responsável pela propagação do vírus. Na Frente Ocidental, os soldados que viviam em condições apertadas, sujas e húmidas ficaram doentes. Este foi um resultado direto do enfraquecimento do sistema imunitário devido à subnutrição. As suas doenças, que eram conhecidas como “la grippe”, eram infecciosas e alastraram entre as fileiras. Cerca de três dias depois de adoecerem, muitos soldados começavam a sentir-se melhor, mas nem todos conseguiam.

Durante o Verão de 1918, quando as tropas começaram a regressar a casa de licença, trouxeram consigo o vírus não detetado que as tinha deixado doentes. O vírus propagou-se por cidades, vilas e aldeias nos países de origem dos soldados. Muitos dos infectados, tanto soldados como civis, não recuperaram rapidamente. O vírus era

mais difícil nos jovens adultos entre os 20 e os 30 anos de idade, que anteriormente tinham estado saudáveis.

Em 2014, uma nova teoria sobre as origens do vírus sugeriu que ele surgiu pela primeira vez na China, segundo a National Geographic. Registos anteriormente não descobertos ligavam a gripe ao transporte de trabalhadores chineses, o Corpo do Trabalho chinês, através do Canadá, em 1917 e 1918. Os trabalhadores eram na sua maioria trabalhadores agrícolas de zonas remotas da China rural, segundo o livro de Mark Humphries “The Last Plague” (University of Toronto Press, 2013). Passaram seis dias em contentores selados, enquanto eram transportados através do país, antes de continuarem

para França. Foram obrigados a cavar trincheiras, descarregar comboios, colocar vias, construir estradas e reparar tanques danificados. No total, mais de 90.000 trabalhadores foram mobilizados para a Frente Ocidental.

Humphries explica que, numa contagem de 25.000 trabalhadores chineses em 1918, cerca de 3.000 terminaram a sua viagem canadiana em quarentena médica. Na altura, devido aos estereótipos raciais, a sua doença era atribuída à “preguiça chinesa” e os médicos canadianos não levavam a sério os sintomas dos trabalhadores. Quando os trabalhadores chegaram ao norte de França, no início de 1918, muitos estavam doentes e centenas iriam morrer em breve.



A pandemia de gripe de 1918 matou cerca de 50 milhões de pessoas. Getty Images



O 39.º Regimento do Exército dos EUA usa máscaras para prevenir a gripe em Seattle, em dezembro de 1918. Os soldados estão a caminho de França. Everett Historical / Shutterstock

Porque se chamou gripe espanhola?

A Espanha foi um dos primeiros países em que a epidemia foi identificada, mas os historiadores acreditam que isso foi provavelmente o resultado da censura em tempo de guerra. A Espanha foi uma nação neutra durante a guerra e não aplicou uma censura rigorosa à sua imprensa, que podia, portanto, publicar livremente as primeiras notícias sobre a doença. Como resultado, as pessoas acreditavam que a doença era oriunda de Espanha, e o nome “gripe espanhola” ficou para sempre associado. Mesmo no final da Primavera de 1918, um serviço noticioso espanhol enviou uma mensagem ao gabinete da Reuters em Londres, a informar a agência noticiosa de que “surgiu em Madrid uma forma estranha de doença de caráter epidémico”. A epidemia é de natureza branda, não tendo sido relatadas mortes”, segundo o livro “The Spanish Flu,” de Henry Davies (Henry Holt & Co., 2000). Duas semanas após a notificação, mais de 100.000 pessoas tinham sido infectadas com a gripe.

A doença atingiu o rei de Espanha, Afonso XIII, juntamente com importantes políticos. Entre 30% e 40% das pessoas que trabalhavam ou viviam em zonas confinadas, como escolas, quartéis e edifícios governamentais, ficaram infectadas. O serviço no sistema elétrico de Madrid teve de ser reduzido e o serviço de telégrafos foi perturbado,

em ambos os casos porque não havia empregados saudáveis em número suficiente para trabalhar. A oferta e os serviços médicos não conseguiam acompanhar a procura.

O termo “gripe espanhola” rapidamente se instalou na Grã-Bretanha. De acordo com o livro de Niall Johnson “Britain and the 1918-19 Influenza Pandemic” (Routledge, 2006), a imprensa britânica culpou a epidemia de gripe em Espanha pelo clima espanhol: “... a Primavera espanhola seca e ventosa é uma estação desagradável e insalubre”, podia ler-se num artigo no The Times. Foi sugerido que o pó carregado de micróbios estava a ser espalhado pelos ventos fortes em Espanha, o que significa que o clima húmido da Grã-Bretanha poderia impedir que a gripe se espalhasse por lá.

Quais eram os sintomas da gripe?

Os sintomas iniciais da doença incluíam uma dor de cabeça e cansaço, seguida de uma tosse seca e cortante; perda de apetite; problemas de estômago; e depois, no segundo dia, suor excessivo. Em seguida, a doença pode afetar os órgãos respiratórios, podendo desenvolver-se uma pneumonia. Mark Humphries explica que a pneumonia, ou outras complicações respiratórias provocadas pela gripe, foram frequentemente as principais causas de morte.

No Verão de 1918, o vírus estava a propagar-se rapidamente a outros

países da Europa continental. Viena e Budapeste, na Hungria, estavam a sofrer e partes da Alemanha e de França foram afetadas de forma semelhante. Muitas crianças nas escolas de Berlim foram notificadas doentes e ausentes da escola, e as ausências nas fábricas de armamento reduziram a produção.

Em 25 de junho de 1918, a epidemia de gripe em Espanha tinha chegado à Grã-Bretanha. Em julho, a epidemia atingiu duramente o comércio têxtil londrino, tendo uma fábrica com 80 dos 400 trabalhadores adoecido numa só noite, de acordo com “The Spanish Influenza Pandemic of 1918-1919”: New Perspectives” (Routledge, 2003).

A epidemia tinha-se tornado rapidamente uma pandemia, tendo-se espalhado por todo o mundo. Em agosto de 1918, seis marinheiros canadianos morreram no rio St. Lawrence. No mesmo mês, foram comunicados casos entre o exército sueco, depois entre a população civil do país e também entre a população trabalhadora da África do Sul. Em setembro, a gripe tinha chegado aos Estados Unidos através do porto de Boston.

Que conselhos foram dados às pessoas?

Os médicos não sabiam o que recomendar aos seus pacientes; muitos médicos incitavam as pessoas a evitarem lugares movimentados ou simplesmente outras pessoas. Outros su-



Um hospital de emergência criado em Brooklyn, Massachusetts, para tratar de casos de gripe, fotografado em outubro de 1918. National Archives

geriram remédios como comer canela, beber vinho ou mesmo beber a bebida de carne do Oxo (caldo de carne). Os médicos também aconselharam as pessoas a manterem a boca e o nariz tapados em público. A certa altura, a utilização de aspirina foi acusada de ter causado a pandemia, quando na realidade poderia ter ajudado os infetados.

Em 28 de junho de 1918, um aviso público apareceu nos jornais britânicos, alertando as pessoas para os sintomas da gripe; no entanto, verificou-se que se tratava, na realidade, de um anúncio de Formamints, um comprimido fabricado e vendido por uma empresa de vitaminas. Mesmo quando as pessoas estavam a morrer, havia dinheiro para fazer publicidade a “curas” falsas. O anúncio dizia que as pastilhas de menta eram o “melhor meio de prevenir os processos infecciosos” e que todos, incluindo as crianças, deviam chupar quatro ou cinco destas pastilhas por dia até se sentirem melhor.

Aos americanos foram oferecidos conselhos semelhantes sobre como evitar a infeção. Foram aconselhados a não apertar a mão aos outros, a permanecerem dentro de casa, a evitarem tocar nos livros em bibliotecas e a usarem máscaras. As escolas e teatros fecharam e o Departamento de Saúde de Nova Iorque aplicou estritamente uma alteração ao Código Sanitário que tornou ilegal cuspir nas ruas, de acor-

do com um artigo publicado na revista Public Health Reports.

A Primeira Guerra Mundial resultou numa escassez de médicos em algumas áreas, e muitos dos médicos que ficaram adoeceram. As escolas e outros edifícios tornaram-se hospitais improvisados, e os estudantes de medicina tiveram de substituir os médicos em alguns casos.

Quantas pessoas morreram?

Na Primavera de 1919, o número de mortes devido à gripe espanhola estava a diminuir. Os países ficaram devastados na sequência do surto, uma vez que os profissionais médicos não conseguiram travar a propagação da doença. A pandemia fez eco do que tinha acontecido 500 anos antes, quando a Peste Negra provocou o caos em todo o mundo.

O livro de Nancy Bristow “American Pandemic”: The Lost Worlds of the 1918 Influenza Epidemic” (Oxford University Press, 2016) explica que o vírus atingiu cerca de 500 milhões de pessoas em todo o mundo. Na altura, este representava um terço da população mundial. Cerca de 50 milhões de pessoas morreram devido ao vírus, embora se pense que o número real seja ainda mais elevado.

Estima-se que o vírus infetou até 25%

da população dos EUA e, entre os membros da Marinha dos EUA, este número atingiu os 40%, possivelmente devido às condições de serviço no mar. No final de outubro de 1918, a gripe tinha matado 200 000 americanos e Bristow afirma que a pandemia matou mais de 675 000 americanos no total. O impacto sobre a população foi tão grave que, em 1918, a esperança de vida dos americanos foi reduzida em 12 anos. Os corpos empilhados a tal ponto que os cemitérios ficaram sobrecarregados e as famílias tiveram de cavar sepulturas para os seus familiares. As mortes criaram uma escassez de trabalhadores agrícolas, o que afetou a colheita do final do Verão. Tal como na Grã-Bretanha, a falta de pessoal e de recursos colocou outros serviços, como a recolha de resíduos, sob pressão.

A pandemia propagou-se à Ásia, à África, à América do Sul e ao Pacífico Sul. Na Índia, a taxa de mortalidade atingiu 50 mortes por 1.000 pessoas - um número chocante.

Como é que isto se compara à gripe sazonal?

A gripe espanhola continua a ser a pandemia de gripe mais mortífera até à data, tendo matado cerca de 1% a 3% da população mundial. A pandemia de gripe comparável mais recente ocorreu

em 2009 a 2010, após o aparecimento de uma nova forma da estirpe da gripe H1N1. A doença foi denominada “gripe suína” porque o vírus que a provoca é semelhante a um encontrado em suínos.

A gripe suína provocou doenças respiratórias que, segundo os Centros de Prevenção e Controlo das Doenças, mataram, no primeiro ano, cerca de 151.700 a 575.400 pessoas em todo o mundo. Isto representava cerca de 0,001% a 0,007% da população mundial, pelo que esta pandemia teve mui-

to menos impacto do que a pandemia de gripe espanhola de 1918. Cerca de 80% das mortes causadas pela gripe suína ocorreram em pessoas com menos de 65 anos de idade, o que foi pouco habitual. Normalmente, 70% a 90% das mortes causadas pela gripe sazonal ocorrem em pessoas com mais de 65 anos de idade.

Uma vacina contra a estirpe da gripe que provoca a gripe suína está agora incluída nas vacinas anuais contra a gripe. Todos os anos continuam a

morrer pessoas devido à gripe, mas os números são, em média, muito mais baixos do que os da gripe suína ou da pandemia de gripe espanhola. Segundo a Organização Mundial de Saúde, as epidemias anuais de gripe sazonal resultam em cerca de 3 a 5 milhões de casos de doença grave e em cerca de 290 000 a 650 000 mortes.

Este artigo foi adaptado de uma versão publicada na revista All About History, uma publicação da Future Ltd.

Gripe de 1918 matou mais de 60 mil portugueses

A pneumónica atingiu o país em maio de 1918. A doença chegou a Portugal trazida por trabalhadores rurais que tinham estado a trabalhar nas ceifas em Badajoz e Olivença. Os primeiros casos registaram-se em Vila Viçosa, onde rapidamente um quinto da população ficou infetada. Em agosto de 1918, e com maior intensidade em outubro, a pandemia altamente mortífera fez entre 50 mil e 130 mil vítimas no nosso país, em mortalidade específica e pós-pandemia. Os historiadores e os demógrafos não estão de acordo quanto aos números, mas foi tremendo para um país que tinha 6 milhões de habitantes. A faixa etária mais atingida foi a dos jovens adultos dos 20 aos 40 anos e as crianças até dois anos. Foi uma pandemia que poupou os mais velhos.

O primeiro relatório do investigador e higienista Ricardo Jorge alertou para o facto de que “nenhum contágio conhecido possui em tal grau, esta voracidade de tempo e de espaço”. Ao contrário das epidemias anteriores, no que diz respeito à gripe, a sua propagação pelo ar tornou desnecessárias medidas restritivas à circulação de pessoas. Aconselhou-se evitar a permanência em lugares fechados onde houvesse grandes



Foto: DR.

aglomerações... arejar-se largamente as habitações e lugares de trabalho, bem como o uso de preparações desinfetantes das vias nasais e garganta e, tornou-se “obrigatória a declaração por escrito de todos os casos”. Segundo outro relatório de Ricardo Jorge, “não se oferece profilaxia efetiva e eficaz a exercer contra tal epidemia que não seja a higiene geral e assistência dos atacados preferentemente em hospital de isolamento”. Mais tarde, as feiras e os mercados foram proibidos e as escolas só iniciaram o ano letivo depois do dia 28 de novembro. Cada município foi dividido em zonas médicas e farmacêuticas, e as receitas nas farmácias eram grátis para os pobres. E às “pessoas caritati-

vas e remediadas” era-lhes pedido que criassem “comissões de socorro” para “acudir aos necessitados.

A epidemia atingiu seu pico em outubro e começou a declinar em novembro. Apesar de os jornais continuarem a descrever a sua benignidade, especialmente nas cidades, com o objetivo de prevenir o pânico, as cartas dos correspondentes da província descreviam a situação “pavorosa” e “a quantidade de órfãos de vítimas da epidemia que se encontram na maior das misérias”. A mortalidade foi tal que levou as autoridades locais a proibir o toque de finados nos sinos das igrejas, pela ansiedade que causava.

Palácio da Independência - Lisboa - 236ª Sessão, realizada em Lisboa, no Salão Nobre do Palácio da Independência, em 23 de setembro de 2019. Apresentação do Livro "A 32.ª Companhia de Comandos - Voltámos Todos, Memórias de Uma Companhia de Comandos", de Helena Silva e Paulo Kalerman pelo Cor. Américo Henriques.

Abriu a Sessão o Tenente-general Sousa Pinto, Presidente da Comissão Portuguesa de História Militar, tendo-se seguido a apresentação da obra e as intervenções da Dr. Ana Mercedes e de vários dos presentes, tendo a mesma contado com 23 presenças.

Lagar do Azeite - Palácio do Marquês do Pombal - Oeiras - 237ª Sessão, realizada em Oeiras, no Lagar do Azeite do Palácio do Marquês do Pombal, em 24 de setembro de 2019. Lançamento do 38.º Livro da Coleção "Fim do Império" "As Armas por Companheiras, Um Soldado em Terras do Ultramar", de Fernando da Silva Martins, pelo Cmdt. Mário Simões Teles.

O Superintendente Isaiás Teles, Presidente do Núcleo de Oeiras/Cascais da Liga dos Combatentes, abriu a Sessão tendo-se seguido no uso da palavra, o Editor Dr. Baptista Lopes, o Apresentador, o Autor e vários Assistentes e contou com 40 presenças.

Messe de Oficiais na Batalha - Porto - 238ª Sessão, realizada no Porto, na Mesa de Oficiais da Batalha, em 10 de outubro de 2019. Apresentação do 37º Livro da Coleção Literária "Fim do Império" "Sou Memória Tenho Histórias - Antes. Moçambique, Tete 1969/1970. Depois", do Prof. Dr. José Arrobas, que apresentou a Obra.

Após o Vice-Presidente do Núcleo do Porto da LC, Superintendente-Chefe Barreira ter aberto a Sessão, da apresentação da obra e das intervenções de assistentes, foi a mesma encerrada pelo representante do Gen. AGE e contou com 32 presenças.



Palácio da Independência - Lisboa - 239ª Sessão, realizada em Lisboa, no Salão Nobre do Palácio da Independência, em 14 de outubro de 2019. Debate sobre o tema "Guerra do Ultramar - Justa ou Injusta", com o Embaixador Henriques da Silva, Dr. Ribeiro e Castro e TCor. Brandão Ferreira.

Abriu a Sessão o Tenente-general Sousa Pinto Presidente da Comissão Portuguesa de História Militar, tendo-se seguido o debate e as diversas intervenções de assistentes ao Evento e que no final foi unanimemente considerada, aquela Guerra, como justa. A Sessão contou com 81 presenças.



Livraria-Galeria Municipal Verney - Oeiras - 240ª Sessão, realizada em Oeiras, na Livraria – Galeria Municipal Verney, em 19 de novembro de 2019. Apresentação do Livro "Armando Torre do Valle, Herói do Ar em Moçambique", do Dr. Vasco d’Avillez, pelo Autor. Após a abertura da Sessão e da apresentação da obra, seguiu-se a intervenção de vários dos 18 presentes à mesma.

Biblioteca Municipal Afonso Lopes Vieira - Leiria - 241ª Sessão, realizada em 21 de novembro de 2019. Apresentação do 36.º Livro da Coleção "Fim do Império" "Moçambique - Aquartelamento AK47 - Uma História Singular" do Eng.º Carlos Duarte, por António José de Almeida Sequeira, Presidente da Assembleia Municipal de Leiria.

Após a abertura da Sessão pelo Maj. Marto da Silva, Presidente do Núcleo de Leiria da Liga dos Combatentes, da apresentação da Obra e de várias intervenções de presentes, encerrou a mesma o Cor. Carlos da Silva Caravela, Comandante do RAL, tendo contado com 36 presenças.



Palácio da Independência - Lisboa - 242ª Sessão, realizada em 25 de novembro de 2019. Apresentação dos Livros "Refugiados de Angola e Refugiados de Moçambique" do Dr. Nuno Alves Caetano, pelo Autor.

Após a abertura da Sessão pelo TGen. Sousa Pinto, Presidente da Comissão Portuguesa de História Militar, seguiu-se a apresentação da Obra e a intervenção de vários assistentes à mesma e que contou com 14 presenças.



Sede do Núcleo do Porto da Liga dos Combatentes - Porto

243ª Sessão, realizada no Porto, na sede do Núcleo da Liga dos Combatentes, em 28 de novembro de 2019. Apresentação do Livro "A Revolta de 1959 em Timor-Leste", do Doutor João Luís Gonçalves, pelo Autor. Abriu a Sessão o Coronel Glória Belchior, Presidente do Núcleo do Porto da Liga dos Combatentes, seguindo-se a apresentação da Obra e as intervenções de alguns dos Assistentes e que contou com 23 presenças.



Sede do Núcleo do Porto da Liga dos Combatentes - Porto

244ª Sessão, realizada no Porto, na Sede do Núcleo do Porto da Liga dos Combatentes, em 12 de dezembro de 2019. Apresentação do Livro "Descompasso - Angola 1962", do Doutor Onofre dos Santos, pelo Autor. Abriu a Sessão o Superintendente – Chefe Barreira, Vice-Presidente do Núcleo do Porto da Liga dos Combatentes, seguindo-se a apresentação da Obra e as intervenções de alguns dos assistentes à mesma, que contou com 16 presenças.



Sede do Núcleo do Porto da Liga dos Combatentes - Porto

245ª Sessão, realizada no Porto, na Sede do Núcleo do Porto da Liga dos Combatentes, em 09 de janeiro de 2020.

Apresentação do Livro "Histórias dos Boínas Negras", de Jorge Martins Barbosa, pelo autor. Após a abertura da Sessão pelo Cor. Glória Belchior, Presidente do Núcleo do Porto da Liga dos Combatentes, seguiram-se as intervenções de vários dos assistentes e de que se destacaram a do Coronel Carvalho Morais e da Dr.ª Ana Oliveira e que contou com 34 presenças.



Livraria-Galeria Municipal Verney - Oeiras - 246ª Sessão, realizada em Oeiras, na Livraria – Galeria Municipal Verney, em 21 de janeiro de 2020.

Apresentação dos Livros "Putos da Minha Terra" e "O Quarto da Alva", do Cmdt. Raul Patrício Leitão, apresentados pelos, Dr. Manuel Rafael Alves e Cmdt. Castro e Silva. Após a abertura da Sessão pelo Superintendente Isaiás Teles, Presidente do Núcleo de Oeiras/Cascais da Liga dos Combatentes, seguiu-se a intervenção do Editor Dr. Batista Lopes, a apresentação das obras e as intervenções do Autor e de vários assistentes à mesma que contou com 41 presenças.

Palácio da Independência - Lisboa - 247ª Sessão, realizada em Lisboa, no Salão Nobre do Palácio da Independência, em 27 de janeiro de 2020.

Apresentação do Livro "África - De Paraíso Fascinante a Inferno Inesperado - Memórias de um Miliciano", do Prof. Dr. José Manuel Martins Ferreira Coelho pelo autor. Após a abertura da Sessão pelo TGen. Sousa Pinto, Presidente da Comissão Portuguesa de História Militar seguiu-se a apresentação da obra e as intervenções de vários dos assistentes à mesma que contou com 29 presenças.

Sede do Núcleo do Porto da Liga dos Combatentes - Porto - 248ª

Sessão, realizada no Porto, na Sede do Núcleo da Liga dos Combatentes, em 13 de fevereiro de 2020. Apresentação do Livro "A Guerra – Angola 1961/1963" do Dr. Fernando Reis Lima, pelo Autor. Após a abertura da sessão, pelo Cor. Belchior, Presidente do Núcleo do Porto da LC, seguiu-se a apresentação da obra e as intervenções de vários assistentes à mesma que foi encerrada pelo Cor. Tir. Silveira, representante do Cmdt. do Pessoal do Exército, tendo contado com 31 presenças.



Livraria-Galeria Municipal Verney - Oeiras - 249ª Sessão, realizada em Oeiras, em 18 de fevereiro de 2020. Apresentação do Livro "A Batalha de Verdum" da Dr. Graça Fernandes pelo TGen. Marco Serronha.

Após a abertura da sessão pelo Superintendente Isaiás Teles, Presidente do Núcleo de Oeiras/Cascais da LC, seguiu-se a apresentação da obra, a intervenção da Autora e de vários assistentes à mesma.

Destaca-se a presença do Gen. Roviço Duarte e do MGen. Aguiar Santos em representação do Gen. CEME. A sessão foi encerrada pelos TGen. Sousa Pinto, Presidente da CPHM e Vereador da Cultura da CMO, Dr. Pedro Patacho com uma importante intervenção e contou com 34 presenças.



Secretária de Estado de Recursos Humanos e Antigos Combatentes visita Núcleo de Viseu da LC

A Secretária de Estado de Recursos Humanos e Antigos Combatentes, Catarina Sarmento e Castro, deslocou-se esta sexta-feira a Viseu para uma visita ao Núcleo de Viseu da Liga dos Combatentes e para uma homenagem aos Combatentes da Guerra do Ultramar.

Durante a visita àquele núcleo, Catarina Sarmento e Castro enalteceu o “trabalho de proximidade” da Liga por todo o continente e ilhas, considerando -o um contributo “essencial na criação de uma consciência nacional e na dignificação do seu papel”.

No evento, que contou com a presença do Presidente da Liga dos Combatentes, Tenente-general Joaquim Chito Rodrigues, a Secretária de Estado entregou nove dos cinquenta computadores reabilitados pelo Ministério da Defesa Nacional e pelos três Ramos das Forças Armadas que serão distribuídos pelo Exército, aos diferentes núcleos da Liga, por todo o país.

Além do reforço de meios, com a entrega deste equipamento pretende-se que seja minimizado o distanciamento físico entre os antigos combatentes e as suas famílias, imposto pela pandemia de Covid-19.

Na deslocação que fez a Viseu, Catarina Sarmento e Castro prestou ainda homenagem aos antigos combatentes com a deposição de uma coroa de flores no Monumento aos Combatentes da Guerra do Ultramar.

Esta foi mais uma das iniciativas levadas a cabo pelo Ministério da Defesa Nacional, que desde o primeiro instante, através das Forças Armadas, se tem mantido na linha da frente no combate ao coronavírus. “Estas medidas não têm esquecido os Antigos Combatentes, como bem demonstra o facto de termos sido os primeiros a dizer ‘presente’, junto das populações mais idosas dos lares”, afirmou a Secretária de



Estado, Catarina Sarmento e Castro.

A ação das Forças Armadas, no combate à pandemia de Covid-19, no distrito de Viseu, contou até agora com desinfecções e descontaminações realizadas em escolas e num lar residencial. Contou ainda com a realização

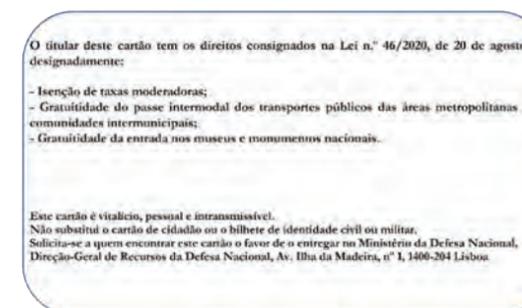
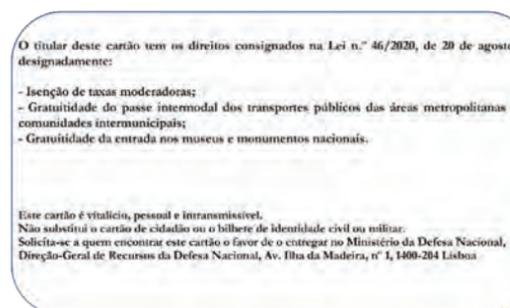
de ações de sensibilização e com a entrega de equipamentos de proteção e solução antisséptica de base alcoólica a 29 escolas, tendo também sido disponibilizadas pelo Exército 268 camas a hospitais e câmaras municipais.

Fonte: defesa.gov.pt

CARTÃO DO COMBATENTE

- Portaria n.º 210/2020 -

- Os cartões de Antigo Combatente e de viúva/o de Antigo Combatente serão emitidos pelo Ministério da Defesa Nacional e enviados para a residência do Combatente ou viúva/o, sem necessidade de requerimento.
- Está em curso pelo Ministério da Defesa Nacional um conjunto de medidas, de natureza administrativa e entre organismos de diferentes ministérios, que permitirá assegurar o acesso aos direitos previstos no Estatuto do Antigo Combatente, entre os quais se encontra a titularidade dos cartões de Antigo Combatente e de viúva/o de Antigo Combatente.
- As medidas constantes do Estatuto do Combatente necessitam de regulamentação para que seja efetiva a sua aplicação.



LIGA SOLIDÁRIA

Revelou-se um êxito a campanha «Um Euro, Um Lar» que a Liga dos Combatentes lançou, para angariar fundos que ajudassem a construir a Residência São Nuno de Santa Maria, em Estremoz e transformar o Lar dos Filhos dos Combatentes em Complexo Social Nossa Senhora da Paz, no Porto.

Torna-se agora necessário os vossos contributos para a construção de um terceiro lar. O Governo já publicou legislação no âmbito do Programa PARES.

Contamos convosco



MINDELO

Corveta mista a motor e vela (1875-1897)



Isabel Martins

A nova exposição de Navios no Museu do Combatente, numa homenagem à Marinha na pessoa do Almirante Augusto de Castilho que inspirou o nome de dois navios – o caça-minas Augusto de Castilho e a corveta F484 - Augusto de Castilho, exibe uma peça soberba em escala 1:48, com 550 horas de trabalho e pormenores que o artista Eng.º Vítor Manuel Agostinho Cardoso cuidadosamente reproduziu, tendo em consideração todo o trabalho manual usando materiais que reciclou, a “Corveta Mista a Motor e Vela, Mindelo”.

“A corveta Mindelo foi encomendada em Inglaterra à firma Thames Iron Works e lançada à água no dia 16 de outubro de 1875. Deslocava 1124 toneladas, com 51,81 metros de comprimento e um aparelho motor de 900 cavalos tendo a sua lotação sido fixada em 175 homens.

Largou de Inglaterra em 26 de abril de 1876 com tripulação inglesa e entrou no Tejo no dia 1 de maio do mesmo ano. Durante quase três anos as suas missões foram na costa moçambicana, tendo largado de Lisboa para a Estação Naval de Moçambique via Suez em 29 de junho de 1876 e chegado à ilha de Moçambique em 9 de outubro de 1876. Esteve na baía de Tungue, que o sultão de Zanzibar ocupava em 1850, fez várias comissões

ao Ibo, participou na ocupação da ilha da Inhaca, que os ingleses também queriam ocupar e, com a sua presença, apoiou o governador do distrito de Lourenço Marques.

Em 9 de abril de 1879 largou de Moçambique para Lisboa pelo canal de Suez e a 13 de junho entrou no Tejo. Quase um ano depois, a 8 de junho de 1880, tomou parte nas cerimónias solenes da transladação dos restos mortais de Vasco da Gama e de Luís de Camões, que se encontravam respetivamente no convento de Nossa Senhora das Relíquias na Vidigueira e no convento de Sant’Ana em Lisboa.

Em 6 de junho de 1881 largou de Lisboa para a Estação Naval de Moçambique que via Suez, mas foi apanhar a monção de SW no Índico, que lhe dificultou a viagem e a obrigou a ficar cerca de três meses em Aden, pelo que só chegou a Moçambique em 9 de novembro de 1881.

Em 1882 realizou duas comissões ao norte, escalando o Ibo e marcando



Almirante Augusto de Castilho, comandante da corveta portuguesa «Mindelo»

presença naval na baía de Tungue, já em disputa entre Portugal e Zanzibar. Participou em ações contra o tráfico de escravos no rio Infussi e transportou tropa para Lourenço Marques. Entre 1883 e 1885 realizou várias missões, em Zanzibar, a fim de ratificar em nome do Rei um acordo de comércio e amizade celebrado em 1879 com o sultão, cumpriu uma comissão em Lourenço Marques (1884) durante a qual apoiou a instalação de faróis na Inhaca e na Xefina e executou o levantamento hidrográfico do rio Incomati. Nesse ano apoiou a expedição do Major Serpa Pinto na baía de Fernão Veloso.

Em 6 de abril de 1885 largou de Moçambique para Lisboa onde chegou a 27 de junho. Até 1888 fez várias missões na costa portuguesa tendo em 6 de fevereiro desse ano largado novamente para a Estação Naval de Moçambique via Suez, e entrado em Moçambique em 25 de março, com deslocamentos a Zanzibar, duas comissões em Lourenço Marques, tendo ido 5 vezes à baía de Tungue e participado em ações de combate ao tráfico da escravatura.

Em 26 de abril de 1890 saiu de Lourenço Marques para Lisboa via Suez, e entrou a barra do Tejo em 3 de julho. Em 2 de março de 1891 largou de Lisboa para tomar parte nas campanhas da Guiné, tendo fundeado em Bissau em 16 de fevereiro. Como havia uma sublevação generalizada concentraram-se na Guiné as canhoneiras “Rio Ave” e “Rio Guadiana” e as lanchas-canhoneiras “Zagaia” e “Flecha”, após o que no fim da missão largou para Lisboa em 10 de junho tendo entrado no Tejo a 18 de agosto.

Em 26 de novembro de 1891 sob o comando do CFR Augusto Vidal de Castilho Barreto e Noronha, largou pa-



A corveta «Mindelo» construída à escala 1:48 pelo Eng.º Vítor Manuel Agostinho Cardoso

ra a Estação Naval de Angola e chegou a Luanda e 7 de janeiro de 1892. Depois de missões nas costas de Angola e Cabinda largou a 16 de fevereiro para o Daomé a pedido do governador de S. Tomé e Príncipe, para apoiar o forte de S. João Baptista de Ajudá, devido à existência de um grave conflito entre daomeanos e franceses. Com o agravamento da situação e os franceses a prepararem-se para um conflito militar, o navio voltou ao Daomé (13 de junho) para apoiar a pequena guarnição de Ajudá.

O navio recebeu uma importante comissão em 15 de julho de 1893: proteger os súbditos portugueses no Brasil devido a uma revolta militar chefiada pelo almirante Custódio de Melo. O conhecido incidente despoletado por terem dado, no Rio de Janeiro, asilo político aos revoltosos terminou quando os 122 revoltosos fugiram devido às más condições no navio, mas o almirante Augusto de Castilho foi exonerado quando Lisboa tomou conhecimento da ocorrência, tendo recebido ordens para regressar a Lisboa, e ao ser apresentado a um Conselho de Guerra (por ele pedido), foi absolvido.

Entretanto o navio saiu de Monte-



A corveta «Mindelo» fundeada no Rio de Janeiro

video para Lisboa em 16 de junho de 1894, tendo entrado no Tejo a 14 de setembro, sendo que a corveta foi desarmada em 9 de outubro de 1894. O aspirante de 1.ª classe Machado dos Santos acabou o serviço de entrega no navio, que foi abatido ao efetivo dos navios da Armada em 23 de junho de 1897. Mais tarde tornou-se um pontão

móvel de apoio a fainas de munições e teve essa função até 1943, ano em que foi desmantelado.”

Fotos do navio antigas do Museu de Marinha; fotos do modelo, Isabel Martins.

Fontes: Dicionário de Navios e Relação de Efemérides de Adelino Rodrigues da Costa e “Três séculos no mar” de A. Marques Esparteiro.

Os Açores e a Segurança no Atlântico



João Nobre de Carvalho

C/Almirante Ref.

Nos Séculos XV a XVIII a segurança no Atlântico envolvente dos Açores era inexistente, perante as grandes limitações da Marinha portuguesa. Piratas argelinos, turcos, franceses e ingleses assolavam todas as ilhas do Arquipélago. Chacinavam os habitantes, sujeitavam-nos ao cativo para obtenção de resgate ou para os vender como escravos no Norte de África, destruíam e pilhavam as habitações, os locais de culto e as culturas.

A população, já causticada pelos sistemas, defendia-se como podia seguindo uma tática de guerrilha, criando esconderijos, armadilhas e silos subterrâneos, tendo sido construídas pouco a pouco fortificações costeiras dotadas de artilharia, permitindo repelir com sucesso muitos ataques.

Os corsários eram atraídos pelos tesouros transportados pelos galeões espanhóis vindos do México e do Peru, bem como pelas esquadras portuque-

sas regressando da Índia pela volta do largo, para aproveitar os ventos favoráveis. Os nautas faziam aguada e reabasteciam de víveres. Estrategicamente situado no Atlântico Norte, em três grupos abrangendo mais de 600 Km na direção Noroeste-Sueste, a cerca de 1360 Km a Oeste da península Ibérica, 1500 Km a Noroeste de Marrocos e 2980 Km a Sueste de Newfoundland, Canadá, o posicionamento geográfico do Arquipélago entre a Europa, a África e a América ditava a sua importância estratégica. Segundo Avelino de Freitas de Menezes, Reitor da Universidade dos Açores, numa conferência proferida na Horta em 2009, o Reino, no século XVI, constituiu a Armada das Ilhas, que navegava uma vez por ano de Lisboa para os Açores, cruzando pela ilha Terceira e pelo Grupo Ocidental, para proteger as esquadras regressadas de Goa. Além disso reforçou significativamente a construção das fortificações costeiras nas ilhas e por volta de 1527 nomeou um Provedor das Armadas da Ilha Terceira, que assumiu os encargos do provimento e da reparação das frotas da Índia, bem como o dever de reforçar a capacidade dissuasora da Armada das Ilhas.

Na Guerra Civil portuguesa 1836-1834, os Liberais venceram os Absolutistas na Praia da Vitória, na Terceira, onde se estabeleceu o Quartel-General do novo regime português e o Conselho de Regência da Rainha D. Maria II.

No século XX a Primeira Guerra Mundial motiva a instalação de um ponto de apoio naval norte-americano em Ponta Delgada, onde havia sido construído um porto artificial, conferindo projeção estratégica à ilha de S. Miguel.

Durante a Segunda Guerra Mundial (1939/45), segundo o bem documentado livro de José António Saraiva “Salazar – A queda de Uma Cadeira que Não Existia”, perante a crescente ameaça submarina da Alemanha aos navios Aliados no Atlântico, o Presidente Roosevelt dos Estados Unidos da América, em maio de 1941 faz ameaças veladas de ocupação de Portugal por considerar que não tem força para defender os Açores e Cabo Verde. Em 16 de maio desse ano, o Senador Claude Pepper, da Flórida, pede publicamente que tropas americanas ocupem esses arquipélagos. Salazar reage com dureza e envia contingentes das Forças Armadas portuguesas para esses destinos, principalmente para os Açores. Um mês depois, nos primeiros dias de junho, Roosevelt dá ordem para avançar a operação “Gray”, cuja missão é ocupar os Açores com 28.000 homens do Exército e Fuzileiros. Porém, dois dias depois, suspende a operação à última hora, parece que por pressão inglesa e a 21 de julho escreve uma carta a Salazar em que promete respeitar a soberania portuguesa sobre os Açores sob a condição de esta ser garantida pelo Governo português.

A seguir ao ataque dos japoneses a Pearl Harbour, no Pacífico, em 7 de dezembro de 1941, os EUA entram na guerra e aumentam a pressão para ocupar os Açores. Em 3 de fevereiro de 1943 os alemães sofrem a derrota de Estalinegrado e Roosevelt, para apressar o desfecho do conflito quer con-

vencer Eden, o Primeiro-Ministro inglês a invadir os Açores, que recusa, mas é substituído por Churchill, que em 2 de agosto manda preparar a operação “Life Belt” com esse objetivo.

A 18 de Agosto, Salazar assina o Acordo Luso-britânico das Lajes e os EUA logo solicitaram condições idênticas. Como é sabido, a utilização desta Base Aérea pela “Royal Air Force”, “US Army Air Force” e “US Navy, permitiu aos Aliados dar cobertura aérea no meio do Atlântico aos comboios de navios mercantes e atacar com sucesso os submarinos alemães. Em 1944 os EUA construíram uma base aérea na ilha de Santa Maria, utilizada por pouco tempo, sendo em 1945 edificada uma nova na ilha Terceira.

Durante os longos períodos de “Guerra Fria” entre o Ocidente e a União Soviética, 1917-1953 e depois 1985-1991, com a ascensão ao poder de Mikhail Gorbachev, neste último lapso de tempo os aviões “P-3 Orion” dos EUA baseados nas Lajes patrulharam o Atlântico em missões de deteção e seguimento dos submarinos e vasos de guerra soviéticos. A Base Aérea das Lajes e os portos artificiais da Praia da Vitória e de Ponta Delgada, constituem contributos muito importantes da participação de Portugal na Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN), de que é membro fundador. Portugal pode ver-se envolvido numa guerra, se um aliado da OTAN for atacado e invocar o Artigo 5.º do Tratado. A vasta Zona Económica Exclusiva (ZEE) portuguesa, outro importante ativo de Portugal na União Europeia, deve-se em grande parte à Região Autónoma dos Açores.

Como é sabido, o cenário internacional reflete os interesses dos Estados e encontra-se em evolução permanente, sofrendo por vezes sobressaltos imprevisíveis, como a pandemia do COVID19 que nos afeta, reduzindo o transporte marítimo e aéreo a mínimos históricos, mas espera-se que a situação vá melhorando progressivamente. Em termos geoestratégicos o mundo de hoje é multipolar, decorre uma nova “Guerra Fria” entre a Rússia e a OTAN, afirma-se a superpotência asiática emergente, perante

retração da superpotência americana e o desinvestimento na Defesa por parte da União Europeia, num cenário mundial de múltiplas guerras limitadas, apoiadas por uns e por outros.

O número de Estados dotados da arma nuclear, nem todos seguindo regimes democráticos e alguns ligados a movimentos terroristas, continua a proliferar. A quantidade, a velocidade, a autonomia em imersão e a capacidade letal dos submarinos nas Marinhas das várias potências tem vindo a aumentar, nomeadamente os dotados de mísseis balísticos intercontinentais transportando ogivas nucleares. Uma guerra nuclear pode ser desencadeada inclusivamente por acidente ou por atos deliberados de ciberguerra sobre infraestruturas críticas e de desinformação, podendo esta última conduzir a uma apreciação errada da gravidade e da inevitabilidade

da ameaça. Acresce ainda a hipótese de eclosão de uma Terceira Guerra Mundial, que não pode ser afastada. A política, a estratégia, a tática e a técnica estão estreitamente ligadas, influenciam-se mutuamente, os pontos fortes de ontem poderão deixar de sê-lo amanhã, mas as aeronaves militares, incluindo os não tripulados, os drones e os navios de guerra precisam de manutenção e de se reabastecer da forma mais económica num teatro de operações.

Em abril do corrente ano foi aberto um concurso para realização de obras no já cinquentenário Depósito POL NATO de Ponta Delgada, orçadas em cerca de 6 milhões de Euro. A geografia continua a ser um fator importantíssimo na política e na estratégia, sendo certo que a Região Autónoma dos Açores permanece no centro de um Atlântico, que se quer seguro. ■

da ameaça. Acresce ainda a hipótese de eclosão de uma Terceira Guerra Mundial, que não pode ser afastada.

A política, a estratégia, a tática e a técnica estão estreitamente ligadas, influenciam-se mutuamente, os pontos fortes de ontem poderão deixar de sê-lo amanhã, mas as aeronaves militares, incluindo os não tripulados, os drones e os navios de guerra precisam de manutenção e de se reabastecer da forma mais económica num teatro de operações.



O Presidente dos Estados Unidos Franklin Roosevelt e o primeiro-ministro britânico Winston Churchill tinham um plano para invadir os Açores se Salazar não concedesse facilidades militares aos Aliados com a ameaça nazi, disse um especialista em relações internacionais. Lusa

da ameaça. Acresce ainda a hipótese de eclosão de uma Terceira Guerra Mundial, que não pode ser afastada.

A política, a estratégia, a tática e a técnica estão estreitamente ligadas, influenciam-se mutuamente, os pontos fortes de ontem poderão deixar de sê-lo amanhã, mas as aeronaves militares, incluindo os não tripulados, os drones e os navios de guerra precisam de manutenção e de se reabastecer da forma mais económica num teatro de operações.

Em abril do corrente ano foi aberto um concurso para realização de obras no já cinquentenário Depósito POL NATO de Ponta Delgada, orçadas em cerca de 6 milhões de Euro. A geografia continua a ser um fator importantíssimo na política e na estratégia, sendo certo que a Região Autónoma dos Açores permanece no centro de um Atlântico, que se quer seguro. ■



Soldado Americano, Porto de Ponta Delgada 1918
Acervo do Museu Carlos Machado.
Fotógrafo: Coronel Afonso Chaves (1857-1926)

Tome nota



Museu do Combatente

Av. Brasília (junto à Torre de Belém)

“IMAGENS VIVAS DA VITÓRIA” é o título da exposição da Embaixada Russa e da Agência Rossotrudnichestvo” no Museu do Combatente sobre a evocação dos 75 anos do fim da Segunda Guerra Mundial e da Vitória da Grande Guerra Patriótica na Rússia.

Patente ao público até finais de Outubro 2020.



A Trincheira

De um realismo dramático, hiper-realista, em 3 dimensões com manequins em tamanho natural, efeitos de luz e som, a vida do soldado português na Flandres, as saudades de casa, as conversas em momentos de descanso e até naqueles em que a realidade envolvente impossibilitava conciliar o sono pelos rebentamentos sucessivos, os ataques de pânico, os feridos, o sair do abrigo provisório da trincheira para o combate corpo-a-corpo.

Eventos no Forte



O Museu do Combatente, no Forte do Bom Sucesso, tem sido escolhido para a realização de vários eventos, nomeadamente de confraternização de grupos sociais e empresariais e outros de cariz mais privado, como foi o caso dos noivos que escolheram o Forte do Bom Sucesso para celebrarem o seu casamento neste espaço nobre, junto à Torre de Belém.



História da aviação do séc. XX

Cerca de 500 modelos em escala, desde o dos irmãos Wright até aos atuais drones, passando por todos os aviões da II Guerra Mundial e das grandes batalhas aéreas.



Aberto todos os dias, incluindo fins de semana e feriados.

Das 10H00 às 18H00
Contacto: 919 903 210

Bilhetes:
4€ (adultos)

3€ (crianças a partir dos 5 anos, reformados e grupos) grátis (para sócios da Liga dos Combatentes)

OPORTUNIDADE ÚNICA desconto até 1000€

Desconto direto nos equipamentos assinalados

ESPECIAL SENIORES

SCOOTERS ELÉTRICAS DE MOBILIDADE

NÃO NECESSITAM DE CARTA DE CONDUÇÃO

MUITO ECONÓMICAS

3 ANOS GARANTIA

A melhor mobilidade para o dia a dia
As scooters de mobilidade trazem uma nova liberdade e independência. Agora, e sempre que quiser, pode ir às compras, ao café, passear e visitar os seus familiares ou amigos. Circulam em passeios.

EXPERIMENTE GRÁTIS EM CASA!

Experimente qualquer uma das nossas scooters de mobilidade em sua casa, sem qualquer custo ou compromisso.



Ligue agora, tel. 808 918 388 e solicite a sua scooter para os seus primeiros passeios.

ESTE MÊS!

DESCONTO Leitores O Combatente

até

-1000€

Scooters de mobilidade

ESTE MÊS!
DESCONTO Leitores O Combatente
até
-1000€
Elevadores de escadas



GRÁTIS Avaliação das suas escadas

GRÁTIS Demonstração em sua casa

GRÁTIS Instalação em menos de 1 dia*

Adaptam-se à maioria das escadas, interiores e exteriores.



ELEVADORES DE ESCADAS

Porque merece viver melhor, merece ser feliz!

Com os elevadores de escadas Stannah pode subir e descer as escadas, confortavelmente e em segurança.

Aproveite a oportunidade e redescubra a sua casa!!

- Fáceis de operar
- Elétricos e de baixo consumo.
- Rebatíveis, não obstruem a passagem
- Sem obras, instalado diretamente nos degraus

*Baseado numa instalação em condições ideais

SOLUÇÕES DE BANHO

Recupere o prazer de tomar um banho relaxado, sem medo de escorregar na banheira

A banheira alta com porta permite entrar e sair do banho sem necessidade de elevar as pernas. O acesso fácil, seguro e sem dores ao banho é uma realidade.

- Porta para fácil acesso
- Base antiderrapante
- Paredes altas promovem o equilíbrio
- Assento incorporado



Não caia na banheira Fácil entrar e fácil sair

GRÁTIS Instalação em menos de 1 dia*

GRÁTIS Demonstração em sua casa

GRÁTIS Avaliação e Orçamento na hora

ESTE MÊS!

DESCONTO Leitores O Combatente

a partir

-300€

Soluções de banho



GRÁTIS ✓ Avaliação de mobilidade

GRÁTIS ✓ Demonstrações em sua casa

GRÁTIS ✓ Guia de soluções de mobilidade

Ligue e fale connosco:
808 918 388

Custo de chamada local

Agende uma visita com um especialista e, sem sair do conforto do seu lar, fique a conhecer todos os nossos equipamentos. Com base no que pretende, será aconselhado sobre as soluções mais adequadas a si. Este serviço é prestado gratuitamente, em qualquer parte do país e sem qualquer compromisso para si.

O MOVIMENTO NACIONAL FEMININO (MNF) (2)

ESTÃO À VENDA OS AEROGRAMAS PARA OS SOLDADOS EM SERVIÇO NO ULTRAMAR

Comunicação há, na vida da Marinha Nacional, à sua Presidência, a distribuição dos aérogramas de Ultramar para a correspondência enviada entre os militares portugueses deslocados nos pontos ultramarinos e suas famílias e mães-pátrias de guerra.

Este regime de aérogramas foi estabelecido pelo Decreto nº 10.545, de 15 de Junho, assinado pelo ministro da Ultramar e da Comunicação.

O Movimento Nacional Feminino, através da sua rede nacional, distribuiu e recolheu, em grande escala, para serem vendidos nos diversos locais da Pátria.

Entretanto que, em Lisboa, se interessam pelas diligências à sede do Movimento, a fim de adquirir as cartas, que são vendidas, apenas a utilizar, até mais tarde, no grupo de 800.

Uma prestação circunstancial, na esperança de ser distribuída gratuitamente aos soldados.

Fonte: "História do SPM" - Ernesto Barreiros

Encomendas enviadas pelo MNF no PCM 131a aguardar expedição para Unidades Destacadas.

POUR DESPACHO CONJUNTO DOS MINISTROS DA DEFESA NACIONAL, DA COORDENAÇÃO INTER-TERRITORIAL E DA ADMINISTRAÇÃO INTERNA, DE 09 DE JULHO DE 1974, É EXTINTO O MOVIMENTO NACIONAL FEMININO. (Diário do Governo, II Série, nº 166 de 18-7-1974)

POUR DESPACHO DE 07 DE AGOSTO DE 1974, O MINISTRO DA DEFESA NACIONAL DELEGA NA LIGA DOS COMBATENTES A RESPONSABILIDADE DE EMISSÃO DE AEROGRAMAS ATÉ AO REGRESSO DAS TROPAS DO ULTRAMAR (11 DE NOVEMBRO DE 1975).

A LIGA DOS COMBATENTES HERDOU POIS DO MOVIMENTO NACIONAL FEMININO OS SEUS VALORES MORAIS E MATERIAIS (DOCUMENTAÇÃO ESCRITA E ÁUDIO) E ACTIVIDADE, E NO FORTE DO BOM SUCESSO HOJE MUSEU DO COMBATENTE CONTINUA A PERPETUAR A MEMÓRIA DO SPM ATRAVÉS DE PLACAS EVOCATIVAS DO MESMO E DOS MILITARES AO SEU SERVIÇO.



Encomendas enviadas pelo MNF no PCM 131a aguardar expedição para Unidades Destacadas.

POUR DESPACHO CONJUNTO DOS MINISTROS DA DEFESA NACIONAL, DA COORDENAÇÃO INTER-TERRITORIAL E DA ADMINISTRAÇÃO INTERNA, DE 09 DE JULHO DE 1974, É EXTINTO O MOVIMENTO NACIONAL FEMININO. (Diário do Governo, II Série, nº 166 de 18-7-1974)

POUR DESPACHO DE 07 DE AGOSTO DE 1974, O MINISTRO DA DEFESA NACIONAL DELEGA NA LIGA DOS COMBATENTES A RESPONSABILIDADE DE EMISSÃO DE AEROGRAMAS ATÉ AO REGRESSO DAS TROPAS DO ULTRAMAR (11 DE NOVEMBRO DE 1975).

A LIGA DOS COMBATENTES HERDOU POIS DO MOVIMENTO NACIONAL FEMININO OS SEUS VALORES MORAIS E MATERIAIS (DOCUMENTAÇÃO ESCRITA E ÁUDIO) E ACTIVIDADE, E NO FORTE DO BOM SUCESSO HOJE MUSEU DO COMBATENTE CONTINUA A PERPETUAR A MEMÓRIA DO SPM ATRAVÉS DE PLACAS EVOCATIVAS DO MESMO E DOS MILITARES AO SEU SERVIÇO.

Fonte: "História do SPM" - Ernesto Barreiros

Encomendas enviadas pelo MNF no PCM 131a aguardar expedição para Unidades Destacadas.

POUR DESPACHO CONJUNTO DOS MINISTROS DA DEFESA NACIONAL, DA COORDENAÇÃO INTER-TERRITORIAL E DA ADMINISTRAÇÃO INTERNA, DE 09 DE JULHO DE 1974, É EXTINTO O MOVIMENTO NACIONAL FEMININO. (Diário do Governo, II Série, nº 166 de 18-7-1974)

POUR DESPACHO DE 07 DE AGOSTO DE 1974, O MINISTRO DA DEFESA NACIONAL DELEGA NA LIGA DOS COMBATENTES A RESPONSABILIDADE DE EMISSÃO DE AEROGRAMAS ATÉ AO REGRESSO DAS TROPAS DO ULTRAMAR (11 DE NOVEMBRO DE 1975).

A LIGA DOS COMBATENTES HERDOU POIS DO MOVIMENTO NACIONAL FEMININO OS SEUS VALORES MORAIS E MATERIAIS (DOCUMENTAÇÃO ESCRITA E ÁUDIO) E ACTIVIDADE, E NO FORTE DO BOM SUCESSO HOJE MUSEU DO COMBATENTE CONTINUA A PERPETUAR A MEMÓRIA DO SPM ATRAVÉS DE PLACAS EVOCATIVAS DO MESMO E DOS MILITARES AO SEU SERVIÇO.

Fonte: "História do SPM" - Ernesto Barreiros

Encomendas enviadas pelo MNF no PCM 131a aguardar expedição para Unidades Destacadas.

Já aberto ao público, mas ainda em vias de ser ultimada, na nova sala AUGUSTO DE CASTILHO a exposição permanente "UM HOMEM E DOIS NAVIOS" - uma homenagem à Marinha em três vertentes históricas diferentes. Um belíssimo trabalho de modelismo com materiais reciclados"





AOS COMBATENTES DO
CONCELHO DE VENDAS NOVAS

ANTÓNIO DE JESUS FERREIRA
CUSTÓDIO JANEIRO SANTANA
CUSTÓDIO MANUEL M. SOUSA
DANIEL JOAQUIM MENDES RODRIGUES
ESMERALDO ESPANHOL MARTINS
FRANCISCO DO CÉU PIRES
HORÁCIO DE SOUSA ROCHA
JOAQUIM JOSÉ SILVA RAIMUNDO
JORGE NUNO DE MOURA LEITE
LUÍS GALVÃO DOS SANTOS
MANUEL DA CONCEIÇÃO BRANCO
MANUEL DA CONCEIÇÃO GONÇALVES
MANUEL FELÍCIO GOMES
MANUEL JOAQUIM DA SILVA
MANUEL JOAQUIM VÁRZEA DO SADO
MANUEL LEZARDO GONÇALVES ANES
RODÉRICO FRANCISCO PIEGAS
VITORINO ANTÓNIO VALENTIM



Inaugurado em 07 de setembro de 2020